

Centro de Estudos Africanos/UFMG

Endereço:

Centro de Estudos Especializados
Biblioteca Central da UFMG (BU)
Campus Pampulha, 4º Andar
Av. Antônio Carlos, 6627 - Belo Horizonte
MG, Brasil - CEP: 31270-901

Acesse o nosso site:

<https://www.ufmg.br/dri/cea/>

Email:

ceaufmg@gmail.com / cea@dri.ufmg.br

Telefone:

+ 55 31 3409-3276 (CEA, Biblioteca Central)

+ 55 31 3409-3258 (DRI - anexo à Reitoria)

Horário de Atendimento ao público:

De 08h às 12h e de 13:00 às 19:00

Aberto para a comunidade interna e externa.

V JORNADA DO
CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS DA UFMG

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL: Patrimônio, História Intelectual e Cultura na África Ocidental



CADERNO DE RESUMOS

de 02 a 04 de outubro de 2017
africaocidentalnaufmg.wordpress.com

Realização:



Apoio:



Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

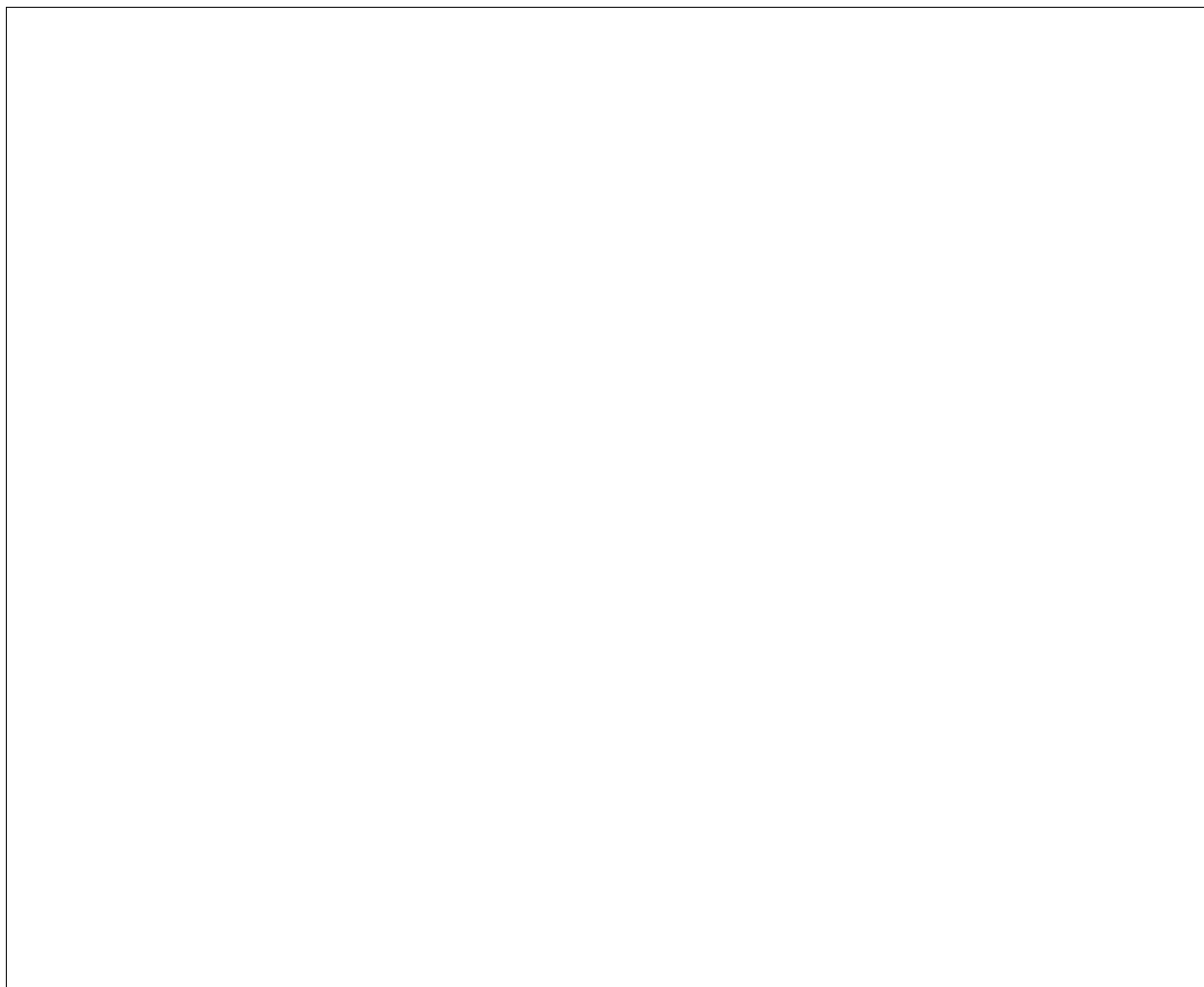
Caderno de resumos do I Seminário Internacional Patrimônio,
História Intelectual e Cultura na África Ocidental

Belo Horizonte
CEA/UFMG
2017

Biblioteca Professor Antonio Luiz Paixão - FAFICH

TEL. 3409-6318

Ficha N° 03/2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITOR

Jaime Arturo Ramírez

VICE-REITORA

Sandra Regina Goulart Almeida

DIRETOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – DRI

Fábio Alves da Silva

COORDENADORA DO CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS/CEA – UFMG

Vanicléia Silva Santos

COMITÊ GESTOR DO CEA/UFMG (2016-2018)

Cíntia Pereira – ICB

Sônia Queiroz – FALE

Eduardo Vargas – FAFICH

Marcos Hill – EBA

Vanicléia Silva Santos

CONSELHO CONSULTIVO DA SÉRIE ESTUDOS AFRICANOS

Amadeu Chitacumula (Instituto Superior de Educação do Huambo, Angola)

Ana Cordeiro (Ilhéu Editora, Cabo Verde)

Odete Semedo (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, Guiné-Bissau)

Rafael Díaz Díaz (Pontificia Universidad Javeriana, Colômbia)

Sônia Queiroz (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

Tukufu Zuberi (University of Pennsylvania, Estados Unidos)

Vanicléia Silva Santos (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

Patrimônio, História Intelectual e Cultura na África Ocidental

Seminário Internacional

02 a 04 de outubro de 2017, de 09:00 às 18:30 horas

Museu Mineiro – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

ORGANIZAÇÃO/ORGANIZATION
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Apresentação e Boas Vindas

O Centro de Estudos Africanos (CEA) é um órgão interdisciplinar da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), criado em 2012. O CEA/UFMG tem como missão fazer a articulação entre os pesquisadores nacionais e estrangeiros; bem como promover o ensino, a pesquisa e a divulgação de trabalhos dos pesquisadores vinculados ao mesmo.

Um dos principais eventos realizados pelo CEA/UFMG é a *Jornada de Estudos Africanos*. O evento anual tem como proposta reunir na UFMG especialistas em temas africanos, visando ampliar o debate acadêmico e a troca de experiências.

A *I Jornada de Estudos Africanos* foi realizada em novembro de 2012 em comemoração ao lançamento do CEA/UFMG. Participaram do evento o Reitor da UniLurio e Presidente da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP); e representantes de outras autoridades da Universidade Eduardo Mondlane, de Moçambique.

A *II Jornada de Estudos Africanos* do CEA foi realizada em junho de 2013 e teve como tema a *Cooperação Acadêmica Internacional no Século XXI – A Experiência dos Centros de Estudos Africanos no Mundo*. O evento reuniu diretores de Centros congêneres de diferentes partes do mundo (Estados Unidos, Canadá, México, Argentina, Colômbia, Brasil, Portugal, França, Reino Unido, Guiné, Moçambique e Gana) que compartilharam suas experiências acadêmicas e administrativas.

A *III Jornada Internacional*, realizada em novembro de 2014, teve como tema *Pesquisa sobre África: novas abordagens, fontes e métodos de uma perspectiva multidisciplinar Ciências Humanas e Sociais e Literatura*. O objetivo do evento foi avançar nos debates de temas importantes para as diferentes disciplinas que compõem o CEA; aprofundar a discussão sobre as condições de produção de pesquisas em África; aprender sobre as fontes disponíveis para a investigação; e debater sobre as questões metodológicas.

Em 2015, ao invés de organizar mais uma Jornada, o CEA lançou um edital de financiamento de eventos sobre estudos africanos para a comunidade da UFMG, com o objetivo de conhecer e dar visibilidade para as pesquisas realizadas na instituição. A partir deste edital, cinco importantes eventos foram realizados: *I Seminário Internacional Relações étnico-raciais e diversidade sociocultural em países de Língua Portuguesa*, organizado pela professora Aracy Alves Martins, da *Faculdade de Educação*; o *I seminário de Estudos Literários Ler, traduzir, editar: a literatura em sua experiência*, organizado pela profa. Sonia Queiroz, Pos-Lit – Faculdade de Letras; a *I Jornada de Estudos sobre África Ocidental, na UFMG*, organizado por pós-graduando do PPGHIS - Raissa Brescia dos Reis, Taciana A. Garrido Resende e Thiago Mota; *Primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros (1956-2016)*, organizado pelo prof. Luiz Arnaut, e as pós-graduandas Raissa Brescia dos Reis e

Taciana A. Garrido Resende, do Departamento de História; e a XII *Jornada de Ciências Sociais da UFMG – Conexões Africanas*, evento organizado por alunas e alunos de graduação do curso de Ciências Sociais. Como parte dos resultados destes eventos, pesquisadores brasileiros e africanos foram convidados para debates em torno dos diferentes temas, bem como foram publicados dois livros: *Estudos sobre África Ocidental e Cultura e Mobilização: Reflexões a partir do I Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros*, ambos em 2016.¹

Em 2016 foram retomadas as Jornadas. Assim, a IV *Jornada de Estudos Africanos* foi realizada juntamente ao VI SIALA, que teve como tema *Africanias: linguagens, culturas, histórias*, nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 2016, no Conservatório de Música da UFMG. O evento foi organizado pelas professoras Vanicléia Silva Santos (Coordenadora do CEA) e Sônia Queiroz (FALE/UFMG). A realização foi compartilhada entre os seguintes órgãos da UFMG: Faculdade de Letras (FALE), Centro de Estudos Africanos (CEA), Diretoria de Relações Internacionais (DRI) e Diretoria de Ação Cultural (DAC).

Neste ano, a V *Jornada de Estudos Africanos* tem como tema *Patrimônio, História Intelectual e Cultura na África Ocidental*, realizada nos dias 2, 3 e 4 de outubro de 2017, no Centro de Atividades Didáticas 2 (CAD 2), na UFMG. O objetivo é reunir investigadores com trabalhos que proponham novas perspectivas sobre dinâmicas culturais e intelectuais e sobre história patrimonial, em diferentes períodos históricos, no espaço compreendido entre o *Sahel* ocidental, a costa atlântica (do Senegal ao golfo do Benin) e imediações do Lago Chade, recorte compreendido como África Ocidental. Neste evento, buscamos fundar um espaço para diálogos contínuos entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros sobre as particularidades dessa região africana, apontando suas dinâmicas próprias e seus impactos locais, regionais e globais, partindo da perspectiva de indivíduos e sociedades africanas.

A V. *Jornada de Estudos Africanos* do CEA-UFMG celebra também cinco anos de fundação do Centro de Estudos Africanos da UFMG. A celebração evoca cinco anos voltados para o fortalecimento dos estudos africanos nesta universidade e comemoramos a ampliação das relações internacionais entre a UFMG e instituições africanas e suas congêneres na Europa, América Latina, Estados Unidos e China.

Bom seminário para todos,
Vanicléia Silva Santos

Coordenadora do Centro de Estudos Africanos da UFMG

¹ REIS, Raissa Brescia dos; RESENDE, Taciana Almeida Garrido (Org.). *Cultura e Mobilização: Reflexões a partir do I Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros*. 1. ed. Rio de Janeiro: Synergia Editora, 2016. 183p; REIS, Raissa Brescia dos. ; RESENDE, Taciana Almeida Garrido (Org.) ; MOTA, Thiago (Org.). *Estudos sobre África Ocidental: dinâmicas culturais, diálogos atlânticos*. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016. v. 1. 321p .

**I Seminário Internacional
Patrimônio, História Intelectual e Cultura na África Ocidental**

Centro de Atividades Didáticas 2, de 02 a 04 de outubro de 2017
Belo Horizonte – Minas Gerais –
Brasil

COMISSÃO ORGANIZADORA

Alexandre Marcussi – UFMG
Felipe Silveira de Oliveira Malacco – UFMG
Leopoldo Amado – INEP
Marília Lima – INEP
Taciana Garrido – IFMG
Vaniléia Silva Santos – UFMG
Wellington Marçal – UFMG

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexandre Marcussi – UFMG
Carlos Gomes dos Anjos – Universidade de Cabo Verde
Manuel Jauará – UFJF
Nazareth Fonseca – UFMG/PUC-Minas
Silvio Marcus Correa – UFSC
Sônia Queiroz – UFMG
Taciana Garrido – IFMG
Toby Green – King's College London
Vaniléia Silva Santos – UFMG

COMUNICAÇÃO E MONITORES

Alex Idrissou
Aline Beatriz Miranda da Silva
Aline de Castro Radicchi
Flávia Gomes Chagas
Gabriel Prado
Marlon Marcelo
Marina Laís de Lima
Natália Ribeiro Martins
Rafael Porto Francisco

EDIÇÃO DO CADERNO DE RESUMOS

Marina Pacheco

CAPA

Natália Ribeiro Martins

REALIZAÇÃO:

Centro de Estudo Africanos da UFMG – CEA/UFMG
Universidade Federal de Minas Gerais
Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa na Guiné-Bissau – INEP

FINANCIAMENTO:

Centro de Estudos Africanos da UFMG/DRI
Escola Superior Dom Helder Câmara – EDH
Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH/UFMG

APOIO:

Biblioteca Universitária da UFMG (BU)
Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG (IEAT)
Coordenadoria de Assuntos Comunitários da UFMG (CAC)
Diretoria de Ação Cultural da UFMG (DAC)
Diretoria de Relações Internacionais da UFMG (DRI)

PROGRAMAÇÃO

02 de outubro

09 :00 às 10:00

Credenciamento
Abertura de exposições

- *Urbanidades da Guiné-Bissau – Arquiteturas e Sítios Históricos com Futuro*, sob curadoria da Arquiteta Ana Milheiro (ISCTE-IUL/Lisboa)
- *Os Panos da Guiné* da coleção de Odete Semedo (INEP-Guiné-Bissau).
- *De Mim para o Mundo*, sob curadoria de Iuri Rosário.

10h às 10h20

Quarteto de Saxofones da Escola de Música [Belo Horizonte – MG]

Coordenação: Professor Robson Saquet

10:20 às 10:40

Mesa de Abertura

- Fábio Alves (Diretor de Relações Internacionais da UFMG)
- José Adércio Leite Sampaio (Coordenador da Pós-Graduação da Escola Superior Dom Helder Câmara)
- Leopoldo Amado (Diretor do INEP – Guiné-Bissau)
- Vanicléia Silva Santos (Coordenadora do CEA/UFMG)
- José Newton Coelho Menezes (Chefe do Departamento de História da UFMG)
- Douglas Átila (Coordenador do PPGH/UFMG)
- Alexandre Marcussi (Professor PPGH/UFMG)
- Iara Félix Viana (Superintendente de Modalidades Especiais de Ensino – MG)

Local: Auditório II do CAD 2

10:40-12:00

Conferência de Abertura: *Aprendendo com a África e na África*
Paulo de Moraes Farias (University of Birmigham)

Local: Auditório II do CAD2

12:00-14:00

Almoço

14:00-16:00

Mesa Redonda 1 – Patrimônio Cultural e Literatura em Guiné-Bissau

- *Panos, Tradição e Canto-poema: Simbolismo e Lugar da Memória Coletiva Guineense*
Professora Odete Semedo (INEP - Guiné-Bissau)
- *Escrevendo a Nação em Verso: A poesia e a Nacionalidade na Guiné-Bissau*
Érica Bispo (Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ)
- *A Guiné-Bissau, as erráticas transições políticas e o Pós-colonialismo: da independência à reconfiguração político-social como transição emergente*
Leopoldo Amado (INEP - Guiné-Bissau)

Mediador: Wellington Marçal (Diretor da Biblioteca Central da UFMG)

Local: Auditório II do CAD2

16:00 às 16:30

Coffee Break e Lançamento de Livros

16:30 às 18:30

Painel de Comunicações I

Mesa 1: Produção intelectual e movimentos diaspóricos

- *OS PRIMEIROS DISCURSOS DE EDWARD BLYDEN E A CONSTRUÇÃO DA LIBÉRIA (1857 – 1865)*
Tainá Elis Santos Souza – Graduanda em História pela UFMG
- *EDWARD W. BLYDEN E AS ABERTURAS DO PANAFRICANISMO: UMA HERMENÊUTICA A PARTIR DA TEORÉTICA PANAFRICANA*
Guillermo Antônio Navarro Alvarado – Doutorando no Pós-Afro Centro de Estudos Afro-Orientais pela UFBA
- *DISPERSOS, DESLOCADOS E DESTERRADOS: A DIÁSPORA NEGRA E A CONSTRUÇÃO DE ELEMENTOS COMUNS NAS NARRATIVAS DOS INTELECTUAIS AFRO-BRASILEIROS E AFRICANOS NA SEGUNDA METADE DO SÉC. XIX*
Eduardo Antônio Estevam Santos – Doutor em História Social, Professor adjunto da UNILAB

Local: Sala B304 no CAD2

Mesa 2: Oralidade e patrimônio imaterial

- *PRESERVAÇÃO DAS LÍNGUAS CRIOULAS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE*
Sara Cristina Fortes Salvaterra – Bacharel em Humanidades na UNILAB

- *GRIOTS, TRADIÇÃO ORAL E CULTURA MANDINGA NA GUINÉ-BISSAU*
Suleimane Seide – Bacharel pela UNILAB
- *OS GRITOS DO SILÊNCIO: HISTÓRIAS INAUDÍVEIS NO “TURISMO MEMORIAL” NA ÁFRICA OCIDENTAL*
Sílvio Marcus de Souza Correia – Professor adjunto da UFSC
- *DJUMBAI: PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LITERÁRIO DA GUINÉ-BISSAU*
João Paulo C6 – Pesquisador do INEP Guiné-Bissau

Local: Auditório II no CAD2

Mesa 3: Performance e pensamento na contemporaneidade

- *HIP HOP GUIGUI: UM PANORAMA SOBRE O RAP/HIP HOP NA GUINÉ-BISSAU*
Magnusson da Costa – Bacharel em Humanidades e Licenciando em História pela UNILAB
- *DANÇA DO POVO BRASA NA CONTEMPORANEIDADE: UM ESTUDO SOBRE KANTA PO*
Isna Gabriel Sia – Graduado em Humanidades e Licenciando em História pela UNILAB
- *DESCOLONIZANDO PRÁTICAS E SABERES: UM EXERCÍCIO DE REFLEXÃO SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS EM ÁFRICA OCIDENTAL – O ESTUDO DE CASO DA NIGÉRIA*
Samuel Ayobami Akinruli – Bacharel em Economia – LASU/UFMG;
Especialista em Geoprocessamento/UFMG; Mestre em Propriedade Intelectual e Inovação Tecnológica/UFMG;
Luana Carla Martins Campos Akinruli – Licenciada em História/UFMG;
Mestra em História Social da Cultura/UFMG; Doutoranda em Antropologia-Arqueologia/UFMG;

Local: Sala C314 no CAD2

03 de outubro

08:00-10:30

Minicursos:

O olhar etnográfico na perspectiva pós-colonial: abordagens, fontes, métodos e contribuições para os estudos da África Ocidental. Ministrantes: Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli
Sala C415 no CAD2

História dos estados, reinos e impérios de África oeste – Senegâmbia. Ministrante: Maurício Wilson Camilo da Silva
Sala B504 no CAD2

10:30 à 12:00

Conferência 2

- *O papel do escritor na Construção da Identidade Nacional* – Abdulai Sila (Escritor e editor da Ku Si Mon Editora)

Local: Auditório II do CAD2

12h às 12h20

Stadu Maior – Rapper, poeta e compositor [Guiné-Bissau]

12:20 às 14:00

Almoço

14:00 às 16:00

Painel de comunicações II

Mesa 4: Circulações Atlânticas de pessoas e ideias

- *NOTAS. À MARGEM DO TEMPO: RELATOS DAS VIAGENS DO COLECIONADOR GASPARINO DAMATA À ÁFRICA*
Gabrielle Nascimento Batista – Mestranda na linha de Imagem e Cultura, no PPGAV pela UFRJ
- *ENTRE A ÁFRICA OCIDENTAL E O IMPRESSO BRASILEIRO: ENCONTROS ATLÂNTICOS NAS PÁGINAS DO SENTINELA DA LIBERDADE*
Alexandre Bellini Tasca – Mestre pelo PPGHIS UFMG;
Felipe Silveira de Oliveira Malacco – Doutorando pelo PPGHIS-UFMG
- *EL TRÁNSITO FORZADO DE PERSONAS DEL SUR DE BERBERÍA HACIA EL NORTE DE LA NUEVA GRANADA, 1499-1550*
Paola Vargas Arana – Doutoranda em História Social pela UFRJ
- *ETNICIDADE E SOBREVIVÊNCIA CULTURAL DOS MINAS: ESTRATÉGIAS DE MANUMISSÕES EM MINAS GERAIS (1753-1888)*
Rodrigo Castro Rezende – Professor Adjunto pela UFF

Local: Auditório II do CAD2

Mesa 5: Literaturas Africanas I

- *A SUBVERSÃO DO ESTABELECIMENTO NA OBRA, “A LOUCA DE SERRANO”*
Elisângela de Lana Costa – Doutoranda pela PUC-MG

- *ORALIDADE E ESTRUTURAÇÃO NARRATIVA NA LITERATURA DA GUINÉ-BISSAU*

Júlio Cesar Machado de Paula – Professor Adjunto na UFF

Local: Sala B513 no CAD2

Mesa 6: Relações de gênero

- *GÊNERO, PODER E DIFERENÇA: SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE SER MULHER, JOVEM, ESTUDANTE E GUINEENSE NO INTERIOR DO CEARÁ*

Marina Pereira de Almeida Mello – Professora Adjunta pela UFC/UNILAB

Peti Mama Gomes – Mestranda em Antropologia pela UFC/UNILAB

- *COMÉRCIO ENTRE FRONTEIRAS: MULHERES COMERCIANTES DA GUINÉ-BISSAU NA REGIÃO DE CASAMANCE, SENEGAL*

Juliana Barreto Farias – Professora adjunta da UNILAB

Local: Sala B515 no CAD2

16:00 à 17:00

Coffee Break e Lançamento de livros

17:00-18:50

Painel de comunicações III

Mesa 7: Resistências anticoloniais

- *REVOLTAS E RESISTÊNCIAS DOS PAPÉIS DA GUINÉ-BISSAU CONTRA O COLONIALISMO PORTUGUÊS – 1886-1915*

Neemias Antônio Nanque – Licenciando em História pela UNILAB

- *A DESCOLONIZAÇÃO DA GUINÉ PORTUGUESA: A LUTA DE LIBERTAÇÃO E A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA*

Calido Mango – Graduado em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela UNILAB

- *DISPUTA DA MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DA FIGURA DOS HERÓIS AFRICANOS: CASO DE ATUAL GUINÉ-BISSAU*

Calido Mango – Graduado em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela UNILAB

Maurício Wilson Camilo da Silva – Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ

- *IDENTIDADE E DIFERENÇA NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA CABO-VERDIANA: UMA ABORDAGEM FANONIANA*

Danilson Ivandro Gonçalves da Veiga – Graduado em Humanidades e Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela UNILAB

Local: Sala B513 no CAD2

Mesa 8: Literaturas Africanas II

- *A ÚLTIMA TRAGÉDIA, DE ABDULAI SILA: LEITURAS DE EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA*
Jaciane dos Santos Santana – Graduanda em Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela UNEB
Renata Almeida de Oliveira Batista – Graduanda de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela UNEB
- *ABDULAI SILA: PERSPECTIVAS DAS IDENTIDADES GUINEENSES*
Melquisedeque Muniz de Melo – Mestre em Estudos Literários pela UEMS
- *TEMAS E TRAMAS DE NAÇÃO NA “TRILOGIA” ROMANESCA DE ABDULAI SILA*
Suely Santos Santana – Dra. em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia - UFBA / Docente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Local: Sala B515 no CAD2

Mesa 9: Patrimônio imaterial e religiosidades

- *PATRIMÔNIO INTELECTUAL ISLÂMICO NA SENEGÂMBIA: CULTURA RELIGIOSA E PRODUÇÃO CONCEITUAL PARA REFLEXÃO SOBRE A REALIDADE – FINAL DO SÉCULO XV AO INÍCIO DO XX*
Thiago Henrique Mota – Doutorando em História pela UFMG e Universidade de Lisboa
- *RABELADOS: FENÔMENO SÓCIO RELIGIOSO DE CABO VERDE*
Emanuel de Jesus Correia Semedo – Graduado em Bacharelado em Humanidades, Graduando em História pela UNILAB
- *SOMBRA DI POLON: UM ESPAÇO REVOLUCIONÁRIO E INDEPENDENTISTA SOCIOCULTURAL, POLÍTICO E RELIGIOSO DE HERANÇA KAABUNKE E AFRO-PORTUGUESA*
Maurício Wilson Camilo da Silva – Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ
Aza Njeri – Doutora em Literaturas Africanas pela UFRJ
- *RELIGIÃO COMO MEIO DE RESISTÊNCIA CULTURAL NA GUINÉ-BISSAU*
Luis Fernandes Júnior – Graduado em Humanidades e Licenciando em Pedagogia pela UNILAB

Local: Auditório II no CAD2

04 de outubro

08:00-10:30

Minicursos:

O olhar etnográfico na perspectiva pós-colonial: abordagens, fontes, métodos e contribuições para os estudos da África Ocidental. Ministrantes: Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli
Local: Sala B205 no CAD2

História dos estados, reinos e impérios de África oeste – Senegâmbia. Ministrante: Maurício Wilson Camilo da Silva

Local: Sala C207 no CAD2

10:30 à 12:30

Painel de comunicações IV

Mesa 10: Relações Internacionais, Estado e práticas tradicionais

- *ANÁLISE DE COMO O JORNAL “ESTADO DE SÃO PAULO” RETRATA A GUINÉ-BISSAU DA DÉCADA DE 1960 ATÉ O ANO DE 2012*
Ludmilla Martins Gomes da Silva – Graduando em Humanidades pela UNILAB
- *O AUXÍLIO ADMINISTRATIVO DAS AUTORIDADES TRADICIONAIS NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA LOCAL EM MOÇAMBIQUE: HERANÇA DO ESTADO COLONIAL OU POSSIBILIDADE DE DEMOCRATIZAÇÃO SOCIAL?*
Luciana Martins Campos – Mestre em Sociologia pela UFPE

Local: Sala B205 no CAD2

Mesa 11: Memória coletiva e educação

- *ENLACES DE MEMÓRIAS DE DOIS LADOS DO MAR: TESTEMUNHO E NACIONALIDADE EM DUAS FACES DA GUERRA*
Mírian Sumica Carneiro Reis – Professora adjunta da UNILAB
- *EDUCAÇÃO PARA TODOS: UMA ABORDAGEM SOBRE CAUSAS DE EVASÃO E ABANDONO ESCOLAR NA GUINÉ-BISSAU*
Leonel Vicente Mendes – Especializando em pedagogia pela UNILAB
- *NARRATIVA, EDUCAÇÃO MORAL E CRISE DAS HUMANIDADES: COMO AMADOU HAMPATE BÁ PODE NOS AJUDAR*
Suleimane Alfa Bá – Graduando em Pedagogia pela UNILAB

Local: Auditório II no CAD2

Mesa 12: Etnografias Africanas

- *UMA LEITURA DA INVISIBILIDADE: A NAÇÃO ARRIATA NA GUINÉ-BISSAU: SEUS MODOS DE VIDA, CULTURA E TRADIÇÃO*
Clara Abrahão Leonardo Pereira – Graduanda em História pela UFMG
- *UMA VIAGEM DE CAMPO E OS POVOS BIJAGÓ DA GUINÉ-BISSAU: SEUS MODOS DE VIDA, CULTURA E TRADIÇÃO*
Iuri Santos Silva do Rosário – Graduado em Humanidades e Graduando em História pela UNILAB
- *OS MARABUS DE BIRBAN: MEMÓRIAS E HISTÓRIA DE UMA TABANCA NA GUINÉ-BISSAU*
José Elias Rosa dos Santos – Doutorando em Estudos Étnicos e Africanos pelo Pós-Afro da UFBA

Local: Sala C207 no CAD2

12h30

Quarta Doze e Trinta: *Às Margens* – Grupo de In-Cena de Teatro [Teófilo Otoni – MG]

Local: Auditório da Reitoria UFMG

12:30 às 14:00

Almoço

14:00 às 16:00

Mesa Redonda 2: Patrimônio Cultural e História Intelectual

- *A produção de conhecimento e o desafio da teorização em ciências sociais em África: a contribuição dos intelectuais da África Ocidental*
Carlos Cardoso (Instituto Amílcar Cabral – INEP Guiné-Bissau)
- *Os prazeres da Língua Iorubá*
Karin Barber (University of Birmighan)
- *Tradições Orais Nigerianas: Patrimônio Histórico, um patrimônio para literatura local, global e artes*
Felix Caputu (UFMG/ICORN)

Mediadora: Nazareth Fonseca (UFMG/PUC-MG)

Local: Auditório II do CAD2

16:00 às 16:30

Coffee break

16:30 às 18:30

Conferência de encerramento

Fatoo khan, a amante do comissário colonial: uma visão sobre a moral do relacionamento amoroso na Gâmbia colonial 1900-1945

Hassoum Ceesay (Curador do Museu Nacional da Gambia)

Local: Auditório do CAD

RESUMOS

Edward W. Blyden e aberturas do Panafricanismo: uma hermenêutica a partir da teórica Panafricana

Alvarado, Guillermo Antonio Navarro
Universidade Federal da Bahia (UFB)
memo.naval.89@gmail.com

Assinalado como uma figura central na abertura dos debates Panafricanos e como intelectual fundador dos Nacionalismos Africanos, a seguinte pesquisa propõe-se analisar a obra de Edward W. Blyden numa hermenêutica a contramão, estudando a partir de quatro códigos interpretativos: unidade, racismo, historicismo e autenticidade-identificação cultural, os debates e proposições Panafricanas presentes em seu pensamento no período compreendido entre 1862 e 1908.

Palavras chave: Panafricanismo, Nacionalismo, Libéria, Descolonização

El tránsito forzado de personas del sur de Berbería hacia el norte de la Nueva Granada, 1499 – 1550.

Arana, Paola Vargar
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
paolavargasarana@gmail.com

El tránsito forzado de personas del sur de Berbería hacia el norte de la Nueva Granada, 1499 – 1550. "Fuentes documentales encontradas en el Instituto Histórico Geográfico Brasileiro de Rio de Janeiro IHGB-RJ, en el Archivo General de la Nación en Bogotá AGN y en el Archivo General de Indias de Sevilla AGI, muestran que existía una ruta de tráfico de personas vigente entre 1499 y 1526. Ésta iniciaba en la actual República Saharaui (sur de la antigua Berbería), donde tropas españolas realizaban las cabalgadas capturando personas. Luego las desembarcaban en las Canarias y, después de meses, las transportaban hasta Santa Marta, el segundo puerto del Caribe colombiano. Éste era el periodo de las licencias, donde la corona española otorgaba permiso a individuos para transportar a veces cientos de personas a América. Es el caso de Pedro Fernández de Lugo, adelantado de Canarias, que obtuvo licencia de pasar a Santa Marta 100 esclavos negros en 1535. A través del uso de la historiografía, la arqueología y fuentes primarias, la comunicación buscará ampliar el conocimiento sobre la ruta, regiones y personas capturadas en el sur de Berbería y desembarcadas en Nueva Granada. Una de las evidencias idóneas para recuperar la historia de esta ruta se encuentra en las fortificaciones del siglo XVI, cuyas ruinas se hallan en los litorales africanos (tal como la Torre de Santa Cruz de la Mar Pequeña), Canarias, y Santa Marta. Además, apuntaremos algunas posibles iniciativas que tuvieron estos africanos desde su llegada a la Nueva Granada. Las primeras personas africanas que entraron a esta colonia trabajaron en las huestes, (grupo de personas esclavizadas africanas e indígenas, soldados y animales bajo el mando de un español para penetrar América). Juan de Castellanos, quien participó de penetración de Nueva Granada desde 1539, describe en su Crónica que muchos africanos huían de estas hueste sin dejar rastro. Estos africanos huidos formaron un palenque (quilombo) en La Ramada, piedemonte de la Sierra Nevada, y, en 1550, aprovechando el descuido de los esclavistas, incendiaron el puerto de Santa Marta, destruyéndolo completamente. Exploraremos las fuentes que narran el episodio para indagar si habría personas originarias de Berbería asociadas con la formación de tal palenque.

Descolonizando práticas e saberes: um exercício de reflexão sobre os estudos culturais em África Ocidental – o estudo de caso da Nigéria

Akinruli, Samuel Ayobami
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
ayobami@insod.org
Akinruli, Luana Carla Martins Campos
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
luanacampos@insod.org

Esta comunicação pretende suscitar reflexões sobre os estudos culturais no contexto da África Ocidental, com enfoque na Nigéria, bem como promover um balanço sobre as contribuições da perspectiva pós-colonial na produção textual atual. O acionamento de mecanismos de potencial discursivo sobre a África Ocidental será analisado frente aos exemplos das manifestações culturais refletidas em textos da literatura nigeriana, de forma a promover a investigação sobre a diversidade cultural, as formas de apropriação cultural e os réverberos na afirmação de identidades, histórias e memórias nacional e africana.

A corrente denominada pós-colonialista se trata de um movimento epistêmico, intelectual e político cujos argumentos estão comprometidos com a superação das relações de colonização, colonialismo e colonialidade. É um campo aberto de disputas, especialmente políticas e epistêmicas, mas que possuem centralidade nos questionamentos sobre a hegemonia da produção de conhecimento e de seus discursos. O lugar de onde se fala, para quem se fala, e como se fala são pontos fundamentais de análise nos estudos pós-coloniais.

A partir da perspectiva de leituras sobre a alteridade, serão examinadas as obras *The History of the Yorubas* (JOHNSON, 2001 [1921]), *Yorùbá Culture* (ABIMBOLA, 2006) e *Death and The King's Horseman* (SOYINKA, 2002 [1975]), para se promover a reflexão sobre as possibilidades de quebra dos conhecimentos canônicos e hegemônicos por meio da abertura às outras racionalidades que não somente aquelas associadas à ciência, tecnologia e economia modernas e ocidentais.

A abordagem dessa comunicação tem por finalidade discutir os contrapontos sobre a universalização dos conceitos, reforçando o referencial necessário de descolonização de metodologias, cujas reflexões se posicionam não somente sobre os temas, enfoques e modos de descrever os objetos de estudo, mas sobre a forma da construção da própria narrativa, os agentes e agências envolvidos, a pretensa separação entre teoria e prática, bem como os momentos da pesquisa de campo e da escrita. Para isso, serão postos em análise a plataforma

da experiência e do vivido como pontos fundamentais para promover um convite ao pensamento sobre a performance do pesquisado e do pesquisador em um contexto de alteridade. A polifonia passa a ser para além de uma experiência, é a gênese, o modelo de narrativa, o paradigma de construção do conhecimento.

Educação moral e crise das humanidades: como Amadou Hampaté Bá pode nos ajudar

Bá, Suleimane Alfa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
suleimaneba@yahoo.com.br

A investigação a desenvolver no presente trabalho é referente a Narrativa, Educação Moral e Crise das Humanidades: Como Hampate Bá pode nos ajudar. Partimos inicialmente da descrição da Crise das humanidades desenvolvida de forma crítica pela filósofa Martha Nussbaum, no seu livro *Sem Fins Lucrativos: Porque a Democracia precisa das Humanidades*.

No livro *Sem Fins Lucrativos: Porque a Democracia precisa das Humanidades*, a filósofa norte-americana Martha Nussbaum nos alerta sobre como uma perspectiva estreita e equivocada sobre desenvolvimento, tem justificado a adoção de um modelo tecnicista de educação, inspirado em padrões de administração empresarial, que se justificaria no objetivo de gerar crescimento de curto prazo. Nesta perspectiva em que o conhecimento se torna uma mercadoria, o ideal de formação integral do homem, de uma educação voltada para o desenvolvimento da cidadania democrática, é deixado de lado na mesma medida em que se promove a redução de espaço das artes e humanidades no currículo. A filósofa norte-americana procura justificar a necessidade do cultivo das humanidades, vinculando esta formação com o desenvolvimento de uma cidadania democrática. Para tanto, Nussbaum destaca o valor pedagógico das narrativas no desenvolvimento da educação moral tendo em vista a ampliação de nosso horizonte de identificação e solidariedade. A filósofa destaca o valor dos romances, filmes, da prática de teatro etc., mas não considera de modo destacado as tradições orais de contação de histórias, que tem lugar privilegiado em diversas culturas. Neste trabalho, procuramos descolonizar (o que aqui é sinônimo de “africanizar”) e recontextualizar a proposta da filósofa norte-americana, mostrando como esta “virada narrativa” já estava presente na tradição oral de educação africana, como descrita e praticada pelo griot fula Amadou Hampaté Bá. Em sua autobiografia *Amkoullel, o menino fula*, Hampate Bá mostra como a valorização e incorporação de narrativas dentro da tradição oral africana, promove uma forma de educação que se vincula ao mesmo tempo a ancestralidade e mantém-se aberta para às diferenças.

Palavra Chave: Humanidades; oralidade; educação; descolonização; contação de histórias.

Notas à margem do tempo: Relatos das viagens do colecionador Gasparino Damata à África

Batista, Gabrielle Nascimento
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
gabriellenas@hotmail.com

O colecionador é aquele que, diante da “dispersão em que se encontram as coisas”, busca sua reunião e preservação, em luta vã, pois toda coleção é por definição provisória e incompleta. Tomar-se-á de empréstimo essa figura alegórica – tal como Benjamin a descreve – paramos aproximarmos da coleção Africana de Gasparino Damata, do Museu Nacional de belas Artes, no Rio de Janeiro. Reproduzir o mundo africano em miniatura, eis o desejo que impulsionou o colecionador na montagem de sua coleção. Quanto a organização da coleção, ela formou-se a partir de um repertório, de um contexto maior de onde foram retiradas as peças que a compõem. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar os discursos de Gasparino Damata a partir das publicações feitas na imprensa brasileira, de modo a tentar compreender a sua visão de mundo e suas percepções em relação à África e aos Africanos. Pretende-se também entender como Damata transformou-se em colecionador e quais foram os valores que ele depositou nos objetos que recolheu na África, entre os anos de 1961 e 1963. Nesse sentido, cabe analisar como um homem branco e estrangeiro refaz o caminho do Atlântico Negro, uma rota que foi marcada pelo tráfico de escravos, mas dessa vez tratava-se de uma viagem inserida no projeto político de Jânio Quadros e João Goulart, que tinha como propósito forjar uma identidade brasileira em relação à África. Então a pergunta que se faz é: quem era Gasparino Damata? De qual lugar ele constrói os seus discursos? O que poderia significar ser um viajante no continente africano, na década de 1960? E com que olhar Gasparino viu a África? Tomando emprestado a pergunta de Chinua Achebe (Apud APPIAH, 2014, p. 111), “quando se vê um africano, que significa isso para um homem branco?”, ou seja, como Gasparino – homem branco e brasileiro – viu os negros africanos? Em que contexto brasileiro se construiu essas narrativas? Quanto a África, quais as condições políticas dos países nesse período? Como os africanos estavam construindo suas identidades? E sobre as produções materiais africanos, como Gasparino compreendeu esses objetos? Como afirma Foucault (1992), escrever é se mostrar, é se ver, e é fazer aparecer o próprio rosto junto ao outro. Portanto, é nas escritas de Gasparino Damata que é possível se aproximar das suas reflexões sobre si e sobre o “outro” africano, já que era na imprensa que ele projetava a imagem que tinha da África e também decidia quais Áfricas eram essas que ele queria revelar para os brasileiros, nas terras do outro lado do atlântico.

Palavras-chave: Gasparino Damata; coleção africana; viagens; imaginário ocidental.

O auxílio administrativo das autoridades tradicionais na administração pública local em Moçambique: herança do Estado Colonial ou possibilidade de democratização social?

Campos, Luciana Martins
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
lcamposmartins@hotmail.com

A situação de hibridismo institucional caracterizada pela abertura dada pelo Estado moçambicano para a atuação jurídica e administrativa das autoridades tradicionais, é frequentemente compreendida como a perpetuação da administração indireta [indirect rule] do período colonial no Estado democrático atual. A distinção jurídica e administrativa entre as áreas urbanas e rurais do Estado colonial gerou uma herança de bifurcação institucional que parece ser reabilitada a partir do reconhecimento do auxílio administrativo das autoridades tradicionais pelos decretos 15/2000 e 11/2005. A situação de hibridismo institucional é decorrente do desafio de penetração do Estado enquanto administração pública e burocrática que, portanto, coabita com lógicas informais de funcionamento da administração e da realidade jurídica. Atualmente, o papel jurídico/administrativo a ser desempenhado pelas autoridades tradicionais apoia-se numa significação social dada pela administração colonial. O entendimento da origem, vigência e herança institucional da administração indireta em vários países africanos (Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique) só pode ser entendido a partir das relações entre os povos autóctones e o Estado colonial, o confinamento da diversidade de trajetórias históricas de diferentes povos no enquadramento da etnia, e a herança de práticas políticas advindas do processo de construção da administração colonial, responsável pela criação das autoridades tradicionais como uma das alternativas de inserção jurídica, política e social dos povos nativos.

Pretendemos avaliar, brevemente, os desafios que essa realidade impõe a partir de um conceito weberiano de Estado, tendo em vista o atual contexto de descentralização política e/ou administrativa e o paradigma da governação descentralizada e democrática em Moçambique. Ao mesmo tempo, fazemos apontamentos para futuras ressignificações dessa realidade, uma vez que a atuação das autoridades tradicionais em funções típicas do serviço público (saúde, educação, infraestrutura, meio ambiente) as inserem numa dinâmica de democratização da sociedade, entendida como a construção de espaços de participação. A mudança paradigmática proposta por Boaventura de Sousa Santos, que reconhece que nas sociedades há uma pluralidade de ordens jurídicas, formas de poder e formas de conhecimento pode abrir perspectivas de ressignificação do auxílio administrativo e jurídico das autoridades tradicionais, objetivando sua integração às formas hegemônicas do poder da administração e da justiça estatais.

Palavras-chave: Democracia local; autoridades tradicionais; hibridismo institucional.

DJUMBAI: Património cultural imaterial literário da Guiné-Bissau

Có, João Paulo Pinto
Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa na Guiné-Bissau (INEP)
pauloco277@hotmail.com

Djumbai - Espaço e momento de interações onde acontece narração de histórias e estórias, trocas de saberes e conhecimentos é um sustentáculo da transmissão de valores e morais de geração para geração, de ancião ao jovem, de maneira criteriosa, ora carregada de arengas e humor, mas com responsabilidade e seriedade, acompanhadas de alegria, risos e também de suspense e apreensão.

Djumbai é acima de tudo a transmissão do conhecimento através da Oralidade, a vibração e o poder da fala, enquanto agente ativo da magia. A palavra, possuidora do poder ambíguo pode provocar um conflito violento, bem como selar a paz, dependendo do uso que dela se faz. Assim, o Djumbai tende a ensinar o indivíduo a fazer o uso da fala de maneira benigna.

A fala, oriunda da entidade suprema, nunca deve ser usada de forma a degenerar a sociedade ou o ente. Quando isso ocorre, o indivíduo que dela fez o uso inapropriado é desligado automaticamente da sua sociedade pelos espíritos ancestrais, decretando assim a sua morte civil.

Numa roda de escuta e de conversa, preferencialmente à noite e nos dias de luar, o grupo se reúne normalmente em volta de um ancião para ouvir, contar estórias, histórias que ouviu contar e interagir de várias formas, numa mescla de mulheres, homens, crianças e adultos.

Palavras-chave: Djumbai, património, literatura.

A subversão do estabelecido na obra *A Louca de Serrano*

Costa, Elisângela de Lana
Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG)
elannac@hotmail.com

O propósito central deste trabalho é analisar como as estruturas rígidas e os condicionamentos da sociedade, como a tradição, por exemplo, são questionados na obra *A louca de Serrano*, da escritora cabo-verdiana Dina Salústio. O romance é composto em fragmentos, possui uma narrativa carregada de costumes, rituais e oralidade perpassadas pelo fantástico. Em um enredo espiralar, conta a história de Filipa, sua relação com a louca e a visão de ambas sobre uma sociedade machista, que possui uma estrutura histórica opressora das mulheres, em diversos aspectos, tanto dentro quanto fora dos lares.

Hip Hop Guigui: um panorama sobre o Rap/Hip Hop na Guiné Bissau

Costa, Magnusson da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
magnusson.dacosta@gmail.com

Este trabalho procura estabelecer um breve panorama sobre o hip-hop em Guiné-Bissau, apresentando de uma perspectiva endógena (que se contrapõe aos frequentes julgamentos depreciativos de quem vê a cena de fora). Utilizo a descrição de John Dewey (2010) da arte como experiência, para justificar o uso das vivências do autor (que é também rapper); assim como, a proposta metodológica de Santuza Cambraia Naves (2007) sobre o uso da entrevista como recurso etnográfico para o desenvolvimento de trabalhos sobre a canção popular. O trabalho descreve e dialoga com as narrativas feitas pelos rappers Mc Mário (do grupo MaxPoss) e Bernal WP (do grupo Cientistas Realistas). Apesar das descrições diferentes sobre a origem do rap na Guiné, temos como ponto de convergência a afirmação da influência da Guerra Civil de 1998-99 na consolidação do estilo no país, como também mostra o sociólogo guineense, Miguel de Barros. A partir deste ponto inicial, proponho uma narrativa que procura descrever os primórdios do movimento hip-hop Bissau-guineense, as influências – tanto internas, de precursores no uso da canção como instrumento de denúncia social, assim como externas, por exemplo, do rapper cabo-verdiano, Djoek, que mostrou a possibilidade de fazer hip-hop em crioulo com sua canção “Nada mi ka tene” (eu não tenho nada) –, conexões marginais, polêmicas, transformações; propondo um momento de auge, tendo em vista sua representatividade política dentro do desenvolvimento democrático deste país – o período de pós-guerra e o processo de construção democrática foram determinantes na propagação do rap pelo país, que alcançou seu momento mais alto, entre 2005 a 2012 –, e, por fim, analisando a situação atual onde o papel do mercado é negritado, assim como, as dificuldades da repressão política e o reconhecimento por parte da sociedade Bissau-guineense. Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior resultado de uma monografia de conclusão do curso de bacharelado em Humanidades na universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) intitulado Hip Hop, reconhecimento e paideia democrática: Bota a Fala, A.se.front. e a experiência artística orientado pelo prof. Dr. Marcos Carvalho Lopes.

Palavras Chave: Hip-Hop. Guiné-Bissau. Democracia. Juventude.

Comércio entre fronteiras: mulheres comerciantes da Guiné-Bissau na região de Casamance, Senegal

Faria, Juliana Barretos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
julianafarias@unilab.edu.br

Nesta comunicação, pretendo apresentar as propostas iniciais de um projeto de pesquisa que tem como objetivo principal examinar as migrações (temporárias ou não) de mulheres comerciantes da Guiné-Bissau, especialmente de Bissau e Cacheu, para a região de Casamance-Senegal, com destaque para Ziguinchor. Nestes caminhos e redes transfronteiriços, que remetem mesmo ao período colonial, circulam mercadorias, a exemplo de tecidos, roupas e calçados, e outros produtos das regiões envolvidas nessas trocas, como vinho de palma e amendoim. Com vistas à realização de um trabalho de campo na região de Ziguinchor e nas regiões guineenses mencionadas, buscarei tanto discutir as redes de co-eticidade e afinidade cultural e mesmo os conflitos nesse comércio transfronteiriço, como também avaliar, de forma mais geral, os papéis das mulheres nas sociedades em questão e – particularmente – em certos grupos étnicos, como os balantas e manjakos, e nessas redes comerciais.

Gênero, poder e diferença: sobre as experiências de ser mulher, jovem, estudante e guineense no interior do Ceará

Gomes, Peti Mama
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
peti_mama@yahoo.com.br

Mello, Marina Pereira de Almeida
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Este trabalho discute alguns elementos de pesquisa realizada para obtenção do grau de bacharel em Humanidades junto à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Tendo como principal pressuposto estudar a situação de algumas estudantes guineenses em situação de diáspora na região do Maciço de Baturité, o método etnográfico foi escolhido tendo em vista facultar a imersão no campo de maneira mais “visceral”, ou seja, a etnografia como método de apreensão e análise da realidade e também como “escrita” permitiu que aspectos subjetivos inerentes ao campo não fossem omitidos ou apagados. À vista disso, o campo não aparece como um “objeto” distante e concreto. Tratamos neste trabalho de jovens mulheres imigrantes em trânsito, definindo, portanto, as estudantes guineenses como sujeitos desse trabalho. Desse modo, as subjetividades de que trato não são, de modo algum, alheias às circunstâncias de minhas próprias experiências como estudante, mulher e guineense. Entendendo a dimensão “cotidiana” como importante nesse trabalho, visamos contribuir para o debate acadêmico, sobretudo no que diz respeito à ampliação do escopo de referências para a inteligibilidade de temas que se referem à articulação entre raça, nação, gênero e etnicidade. Nesse sentido, pautamos nossas reflexões nas experiências de deslocamento e ressignificação simbólica que o tema evoca.

Tendo em vista que o trabalho enfatizou questões associadas às relações de gênero, com ênfase especial nas ideias de mulher, particularmente de mulher guineense, tivemos que investigar para tornar claro ao nosso presumido leitor ou presumida leitora o que caracteriza o adjetivo “guineense”. O que particulariza a mulher guineense em relação às mulheres das outras nacionalidades, posto que a UNILAB congrega estudantes de outros países da lusofonia afro-brasileira? Depois: a partir desse caráter particular da mulher guineense, como o fato de estar no Brasil, no interior do Ceará, no afeta seu comportamento e suas ideias sobre os gêneros (masculino, feminino) e sobre a cultura nacional guineense? Essas foram nossas

principais indagações ao longo trabalho.

Dentre as conclusões apresentadas, podemos sintetizar a partir da ideia de que novos parâmetros de organização e relação com as diferenças se afiguraram. Afinal, uma vida que supõe a produção compartilhada de objetos, de saberes, de comida na família e demais redes de sociabilidade e convivência, pode sugerir que para algumas das jovens guineenses nem tudo funciona em conformidade com as expectativas do sistema-mundo pautado pelos valores e ética capitalistas. É muito presente nas falas das nossas interlocutoras o crescimento pessoal que alimenta a experiência de enfrentar uma nova cultura, que possibilita conviver com diferenças multiculturais, em que enfrentar novos desafios reforça ou altera convicções. Percebe-se que a saída do país de origem é sair da nossa zona de conforto, em que é particularmente importante a descoberta da habilidade de liderar e a capacidade de gerenciar conflitos. Estar fora de casa, fora de seu país, em interação com outras cosmovisões e formas de lidar com o mundo, mobiliza e fatores como senso de independência e confiança. Essa experiência enriquecedora, também é desafiadora: viver longe da casa, família e amigos, cria novas rotinas e conferem outros significados ao que se compreende como papéis e condições de gênero.

Amina Mama (2008) sinaliza, dentre outras indagações, que a presença desigual das mulheres africanas no mundo intelectual vem sendo questionada por elas mesmas, o que sem dúvida, significa um novo e necessário patamar nas discussões e reflexões sobre tais temas, posto que colabore para a constituição de novas redes e espaços de interlocução e diálogo, na conformação de epistemologias feminista de raiz africana.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Mulher africana; Interseccionalidades; Migrações internacionais; Estudantes guineenses no Brasil.

Religião como meio de Resistência Cultural na Guiné-Bissau

Fernandes Júnior, Luis
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
fernandesjuniorluis@yahoo.com.br

Este trabalho objetiva discorrer sobre a religião como meio de resistência cultural na Guiné-Bissau. Trata-se de um tema pouco trabalhado e debatido na esfera acadêmica pelos antropólogos, historiadores e os demais campos acadêmicos de pouco interesses ou difícil de estudar na academia olhando para os costumes da vida social dos guineenses em particular dos calequissenses e trazendo à tona os contextos religiosos dos antigos reinos africanos. Nessa perspectiva, difunde-se sobre a religião como forma de resistência na Guiné-Bissau, com o foco no setor de Calequisse, região de Cacheu, campo onde os colonizadores faziam capturas, batizados ou apelidar os nativos e, posteriormente, escravizados de diferentes cantos do mundo e até nos seus próprios territórios de origem. A maioria era levada e desembarcada nas Américas. O seu objetivo consistiu em analisar e entender os processos da conservação dos costumes da vida social e religiosa dos autóctones da Guiné-Bissau, sobretudo dos calequissenses concernentes aos seus Deuses e aos seus antepassados, avós e avôs ou progenitores (Nacĩn Calequisse, G'tchaĩ e Balugum) como referência da resistência da soberania dada através do catolicismo. Também, contribui para ampliação do campo dos estudos sobre religião, resistência contra os colonizadores e os preceitos eclesiásticos dos homens brancos na antiga Província Ultramarina portuguesa. Inclui, por outro lado, trazer junto às comunidades as formas e as políticas usadas pelos nossos ancestrais no sentido de manter firme e de não deixar morrer a nossa história e costume e/ou cultura. A metodologia utilizada foi qualitativa, levada a cabo através de conversas direcionadas e entrevistas semiestruturadas feitas junto a alguns estudantes guineenses no campus do Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), em São Francisco do Conde. Além das entrevistas e conversas com este público foram levados em consideração o conhecimento vivenciado por mim como parte do grupo estudado, bem como através das informações coletadas por meio de um formulário de questões com algumas pessoas que conhecem as religiões de matrizes africanas em especial dos mandjakos, que vivem na região estudada. Os resultados mostram que os países africanos onde os colonizadores passaram principalmente alguns de colonização portuguesa, tanto os invasores como os missionários sempre foram enfrentados pelos nativos que iam de encontro com os

seus preceitos religiosos da ordem católica que queriam impor nesses países. Certifica-se que, inclusive, a religião era a principal arma e escudo para enfrentar os colonizadores. Na Guiné-Bissau, os nativos do capital e das zonas urbanas aceitavam se converter para se aproveitar e beneficiar dos alimentos e oportunidades que os missionários ofereciam a fim de puderem sustentar os seus familiares, mas na verdade era um disfarce, porque continuavam e até hoje a praticar os costumes tradicionais, a prova disso é a baixa percentagem dos católicos e dos falantes da língua dos colonizadores. Em Calequisse, a manutenção das práticas tradicionais direcionadas aos ancestrais está ainda em vigor graças aos processos de iniciação. Para finalizar, ciente de que este trabalho talvez possa colmatar alguns vazios nesse campo de estudo, serve também para os estudiosos e os zelosos em conhecer a vida social e as práticas que marcaram às resistências dos nossos ancestrais perante o catolicismo. Outrossim, possibilitará uma análise mais profunda e atenta sem noções e concepções antecipadas em relação ao que foi trazido nesse trabalho, levando em conta o seu valor social, religioso, cultural, política e sua estrutura profunda de forma a ser ainda preservada diante de olhar do universo religioso dos nativos e dos simpatizantes desses preceitos africanos, guineenses e de forma peculiar aos calequissenses.

Disputa da memória na construção da identidade e da figura dos heróis africanos: caso de atual Guiné-Bissau

Mango, Calido
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
oficialmango1@gmail.com

Silva Maurício Wilson Camilo da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Interessa neste trabalho, a discussão acerca da disputa da memória sociocultural na construção da identidade e da figura dos heróis africanos (séc. XIX a XX) entre os agentes ditas “convencional” e “popular” que buscam legitimar e reforçar a importância dos africanos que se destacaram anteriormente, durante as guerras de “campanhas de pacificação” na ocupação no território de Kaabu, que vem a resultar na colonização portuguesa e na Luta para Libertação Nacional pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde PAIGC, forjado nesta parcela de terra da África Oeste.

Torna importante, portanto, a análise acerca as figuras destacadas nas chamadas “resistência dispersa” referente aos diferentes conflitos que ocorreram entre os portugueses, os soberanos de Kaabu e os regulados do litoral Brame, Bijagó e Balanta. Também na “resistência unificada” que vem a tornar possível com a criação e o movimento da mobilização do PAIGC a partir da segunda metade do século XX.

Entre outros fatores, são levados em conta, os aspectos históricos que marcaram a relação entre os nativos deste espaço da África Oeste, nas suas disputas territoriais e reestruturações dos sistemas culturais (sociais, política e econômica), através das influencias espirituais e poderes religiosas. Por outro lado, a disputa entre estes com o Portugal, em relação à posse e resinificação simbólica do sentido de espaço-lugar e espaço-territorial.

Como dimensão metodológica do estudo e da discussão, torna importante a consulta das obras referentes ao espaço Kaabunke, que em tempo vem a tornar Guiné Portuguesa e mais tarde Guiné Bissau. Aonde os povos rurais da ancestralidade, rurais islâmicas e aqueles que se fundaram nas antigas vilas do período colonial (ou pontas e feitorias), se construíram culturalmente na Cristandadi de Cacheu, Geba, Bissau e Bolama como parte dos guineenses e importante entre os ditos civilizados para enfrentar os Tugas, colonizadores. O que viria a terminar com as conquistas independentistas até 1975.

A descolonização da Guiné portuguesa: a luta de libertação e a conquista da independência

Mango, Calido
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
oficialmango1@gmail.com

O presente resumo busca relatar a trajetória política que o processo da descolonização do território da Guiné enfrentou para alcançar a independência início de ativismo feito pelos líderes deste território até a criação do movimento de libertação (PAIGC). A mobilização da massa popular, luta de libertação e por último a conquista da independência.

Palavras-Chave: Guiné portuguesa; Luta de libertação; Independência;

Abdulai Sila: perspectivas das identidades guineenses

Melo, Melquisedeque Muniz de
melquis_muniz@hotmail.com

Com uma configuração histórica plural, a Guiné-Bissau corresponde com um dos países africanos de Língua Portuguesa que tem no seu âmago um mosaico identitário diversificado. Nesse viés, a Literatura da Guiné-Bissau é um dos caminhos em que essas identidades se expressam. E, nesse sentido, o escritor Abdulai Sila coloca em seus personagens as vertentes das identidades do seu país. Assim, queremos aquilatar nessa comunicação os conceitos de identidade presentes na obra de Abdulai Sila.

Educação para todos: uma abordagem sobre causas de evasão e abandono escolar na Guiné-Bissau

Mendes, Leonel Vicente

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
leonelmendes2014@gmail.com

O presente artigo procura descrever as causas da evasão escolar de crianças jovens e adultos com idade escolar visto que é um problema que atinge muitas escolas principalmente nas regiões de Guiné-Bissau. A evasão e abandono escolar é uma realidade que não se nega no país os fatores que causam esta prática são localização geográfica da escola, trabalho infantil, gravidez e casamento precoce e alta taxa de reprovação dos alunos. Em seguida faz-se uma reflexão sobre a realidade do ensino local diante de uma política da “educação para todos EPT” que universaliza acesso ao ensino, uma das metas mais importante do objetivo do desenvolvimento do milênio. O estado guineense garantiu a educação como direito e dever de todos seus cidadãos assumindo gratuidade de ensino básico como forma de possibilitar aos cidadãos acesso ao ensino. Concluiu-se com a fragilidade do sistema educativo que é um problema sério e estrutural desde o período pós-independência até a atualidade o país não consegue ter um sistema do ensino de qualidade e autônoma, a educação desde sempre foi marcada por diversas fases de degradação. Para realização deste trabalho, foi feito levantamento dos dados e informações a partir dos artigos científicos, livros e documentos oficiais e relatórios da situação do sistema educativo produzida pelo ministério da educação nacional e das outras instituições parceiras que apoiam educação no país, além disso, dialogamos com outros pesquisadores sobre a temática como a forma de compreender as informações que foram apresentadas.

Palavra Chave: Educação para todos, Evasão escolar, Guiné-Bissau

Patrimônio intelectual islâmico na Senegâmbia: cultura religiosa e produção conceitual para reflexão sobre a realidade – final do século XV ao início do XX

Mota, Thiago Henrique
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Universidade de Lisboa (UL)
thiago.mota@gmail.com

Nesta comunicação, objetivamos discutir o processo de expansão islâmica na região da bacia dos rios Senegal e Gâmbia, a Senegâmbia, através da análise das escolas corânicas, entre finais do século XV e início do XX. Neste período, surgem as primeiras fontes europeias sobre África, a descrever o Islã na região, bem como a este tempo são remetidos traços fundamentais da expansão das escolas corânicas, a partir das tradições orais. No início do século XX, destaca-se o impulso colonialista europeu no tocante à substituição das formas locais de instrução pela educação nos moldes ocidentais, o que acarretou diversas formas de competição entre os dois modelos de ensino e socialização. Nosso recorte, portanto, é finalizado imediatamente antes desta etapa. As fontes para esta pesquisa são narrativas procedentes da presença europeia na África, mormente inglesa, francesa e portuguesa; elementos da cultura material; tradições orais coletadas em arquivos do Senegal e do Gâmbia e outras já publicadas; provérbios. O método de análise consiste na crítica documental a todos os elementos citados (visto que, por vezes, há falhas na historiografia quanto à inquirição da documental oral mediante um método historiográfico) e, posteriormente, cruzamento da documentação. Assim, confrontam-se elementos que permitem discutir histórias do Islã com outros decorrentes de memórias produzidas sobre o Islã. A cultura oral popular, como os provérbios, e elementos materiais musealizados e/ou de uso cotidiano, como os aluás de aprendizagem corânica, são compreendidos como objetos que carregam em si traços de um patrimônio intelectual mobilizado no dia a dia, na produção de conceitos para interpelar a realidade e agir sobre ela. Neste sentido, a islamização é compreendida como um elemento que supera a simples conversão no sentido de adesão a uma crença ou prática religiosa. Antes, ela modifica os parâmetros de compreensão da realidade, de enunciação, de produção conceitual, de comportamento ético e moral. Ao avançar além da perspectiva fé/prática, buscamos compreender a religiosidade como um conjunto de valores, comportamentos e mundividências, acionados em momentos históricos específicos, que estruturam parte das experiências dos sujeitos no mundo. Nesta atividade, buscamos dialogar com pesquisadores

dedicados ao Islã na África, como Lamin Sanneh, Thierno Ka, Ousmane Kane, Rudolph Ware III, Assan Saar, Eduardo Costa Dias, Amadou Hampatê-Ba e outros. Nossas conclusões apontam para a centralidade do Islã na formação do comportamento social, na produção de conceitos e na valorização de um patrimônio intelectual acentuadamente de cariz religioso.

Revoltas e resistências dos papéis da Guiné-Bissau contra o colonialismo português – 1886-1915

Nanque, Neemias Antônio
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
nanqueoficial@gmail.com

Portugal desencadeou depois da Conferência de Berlim de 1886, muitas ações políticas e ideológicas que tem por objetivo, ocupar e dominar os territórios da Guiné e seus povos. Essas operações são denominadas de “campanhas de pacificação”. Por se tratar de uma abordagem endógena, este trabalho considera de revoltas todas as ações espontâneas desencadeadas pelos papéis contra as políticas de dominação portuguesa; do mesmo modo, as resistências são tratadas aqui como as determinações desse povo em continuar suas lutas como forma de conter todas as formas utilizadas por Portugal para impor suas ordens e o pagamento dos impostos.

Palavra-Chave: Papel, Portugal, Revoltas, Resistências, Rei.

Oralidade e estruturação narrativa na literatura da Guiné-Bissau

Paula, Júlio Cesar Machado de
Universidade Federal Fluminense (UFF)
iuliusmachado@gmail.com

Oralidade e estruturação narrativa na literatura da Guiné-Bissau "Nesse trabalho, analisamos a importância da incorporação de elementos advindos da oralidade como estratégia fulcral da estruturação narrativa do que se pode chamar de moderna literatura da Guiné-Bissau, cuja publicação se inicia nos anos 1990. Para tanto, abordamos três aspectos desse processo, a saber: a subversão das definições da oralidade feitas pelo prisma da ausência, ou seja, da oralidade vista como ausência de letramento; as propriedades, vantagens e limitações do aparato teórico-conceitual acerca das relações entre oralidade e literatura; e, por fim, a incorporação mesma de tais elementos pela moderna narrativa da Guiné-Bissau.

No que tange à primeira questão, propomos uma visão ontológica da oralidade, ou seja, a possibilidade de vislumbrá-la como um sistema complexo de mundividência que existe em si, e não em função de uma relação negativa com o universo letrado. Seguimos aqui a orientação epistemológica feita por Vansina (2010), que propõe uma concepção da oralidade como um modo afirmativo de apreensão da realidade. Como complemento, discutimos o risco de se abordar a oralidade por um prisma essencialista, ou seja, por um viés a-histórico que ponha em risco a dinamicidade que a caracteriza.

No que diz respeito aos conceitos teóricos para a abordagem da oralidade, partimos do pressuposto de que, por se tratar de um domínio complexo de saber, o enfoque deve se pautar pela interdisciplinaridade ou, mais precisamente, pela transdisciplinaridade. Assim, ao analisarmos a questão linguística, por exemplo, o fazemos a partir dos conceitos de “diglossia colonial” e “glotofagia”, propostos por Calvet (1979) como forma de se contemplar o caráter especialmente político das relações linguísticas que se dão em ambiência colonial ou pós-colonial. Na sequência, buscamos verificar a pertinência da aplicação, a um corpus literário africano, do conceito de “transculturação” (ORTIZ, 1963) e, mais especificamente, do de “transculturação literária”, proposto por Angel Rama (2001) para a compreensão de determinados autores latino-americanos que promoveriam em seus textos uma articulação estética complexa de elementos colhidos tanto das tradições locais quanto das vanguardas europeias. Como procedimento de incorporação de tais elementos, analisamos o conceito de “inscritura”, proposto por Queiroz (2007) como recurso por meio do qual o caráter

performático da oralidade é interiorizado em literaturas que tomam por base narrativas tradicionais. Por fim, mobilizamos o conceito de “literatura menor” (Deleuze & Guattari, 2003) no intuito de vislumbrar como a moderna narrativa guineense, ao inserir em seus procedimentos de estruturação elementos oriundos da oralidade africana, acaba por promover uma espécie de dissonância no conjunto das literaturas em língua portuguesa.

Concluimos, a partir das discussões anteriores, sugerindo alguns caminhos possíveis de abordagem de obras seminais da literatura guineense, elegendo para tanto as obras narrativas de Abdulai Sila, Filinto de Barros e Odete Semedo.

Uma leitura da invisibilidade: a nação Arriata na Guiné do século XVII

Pereira, Clara Abrahão Leonardo
Universidade Federal de Minas Gerais
claraalpereira@gmail.com

A nação Arriata da Província da Guiné foi citada nas fontes de viagem portuguesas pela primeira vez no final do século XVI por André Alvares d'Almada. Apesar de comentada brevemente pelo mercador e outros viajantes – missionários e comerciantes – a presença dos arriatas nesse tipo de relato é diminuta, e não encontra eco nos documentos posteriores. O presente trabalho se propõe, tendo em vista o “desaparecimento” dessa nação das fontes portuguesas escritas, que são hoje uma das mais férteis documentações para pesquisa da história das nações guineenses, discutir os possíveis motivos dessa ausência, percebida especialmente a partir do século XVII. Para encontrar tal objetivo, a chave de análise serão as relações políticas, econômicas e culturais que possuíam com os portugueses, os mandingas e outros europeus, especificamente ingleses, entendendo esse jogo relacional como chave para sua presença ou não na documentação que chega ao historiador. Essas três nações construíram relações diversas com os arriatas, tendo em vista um jogo de interesses que se constituiu especialmente em função do território estratégico que ocupavam: entre a margem sul do rio Gâmbia e a margem norte do rio Casamansa. Ambos rios eram a porta de entrada para diversos portos comerciais, fonte para produtos rentáveis e para o trânsito de missionários na região, focos mais notáveis da presença europeia na África ocidental durante o século XVII. Dessa forma, procuramos compreender, a partir desse estudo de caso, como se organizaram as comunidades da África ocidental a partir dos primeiros contatos atlânticos de forma geral, e quais seriam os parâmetros para a sobrevivências das nações da Guiné a partir do contato extensivo com a Europa. As fontes utilizadas para esse estudo são os relatos de Almada, “Tratado Breve dos rios de Guiné do Cabo Verde”, parte das cartas do Padre Baltasar Barreira compiladas no Monumenta Missionária Africana e o relato de Richard Jobson, “The Golden Trade”. As bases metodológicas para a leitura das fontes são fornecidas especialmente por uma leitura foucautiana sobre a constituição dos tipos de discurso e a construção das relações de poder, utilizando os termos da “arqueologia do saber” e “genealogia do poder”, respectivamente. Acreditamos que essa revisão bibliográfica – somada a outras que tratem de maneira específica do continente africano no século XVII – é capaz de atingir as complexidades dessas relações discursivas e físicas que conjugam a narrativa e o poder.

Enlaces de memórias de dois lados do mar: testemunho e nacionalidade em Duas faces da guerra

Reis, Mírian Sumica Carneiro

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)
miriansumica@unilab.edu.br

Esta comunicação pretende apresentar uma leitura do filme *As duas faces da guerra*, lançado em 2007, dirigido por Diana Andringa e Flora Gomes, produzido com o apoio do Instituto de Cinema, Audiovisual e Multimédia (ICAM) e da Rádio e Televisão de Portugal (RTP). Trata-se de um documentário que apresenta, através de depoimentos de sobreviventes portugueses e africanos, visões sobre a Guerra pela Independência de Guiné-Bissau que, ora convergentes, ora divergentes, alinham-se em paralaxe (Zizek, 2008), na construção de memórias nacionais. Esses relatos expõem, em dupla face, momentos de heroísmo e bravura, medo e morte, e, principalmente, ratificam a importância de Amílcar Cabral, tanto para a independência da Guiné, como para a derrubada do Salazarismo, em Portugal. O documentário é narrado pelos seus realizadores, numa estratégia de técnica que mistura, dentro do gênero documental, o testemunho dos sobreviventes, as impressões dos que herdaram os valores difundidos por Cabral e imagens de época. Ao iniciar apresentando a síntese das lições tiradas dos depoimentos, Diana Andringa afirma: “O mais impressionante é a ausência de ódio”, numa alusão ao ensinamento do líder do PAIGC (Partido Africano para a Libertação da Guiné e de Cabo-Verde): “Nossa luta não é contra o povo português, mas contra o colonialismo português”. Pretende-se pensar, aqui, como a estratégia de ligar relatos de portugueses e guineenses, angolanos e cabo-verdianos em torno desta máxima de Cabral desvela, também, uma poética da Relação (Glissant, 2011) calcada na ambiguidade entre opacidade e transparência, em que a África que se apresenta pelo olhar de alguns destoa do sentimento de nacionalidade de cada país, em suas peculiaridades, apesar da comunhão em torno do pan-africanismo. Algumas questões se apresentam como problemas para análise: como o documentário *As duas faces da guerra* apresenta noções de comunidade que vão se desdobrar em construção identitária (Nichols, 2016)? Como a montagem compõe um mosaico de discursos polifônicos que reverberam uma projeção da história recente de Guiné-Bissau e o modo como ela repercutiu para a libertação do povo português? Há uma identidade entre instâncias diferentes de opressão? Como as memórias se constroem a partir de sons e silêncios? No espaço de uma comunicação talvez não seja possível delinear respostas

acabadas (se é que elas são possíveis em outros espaços também), mas, aliando teorias da linguagem cinematográfica, mais especificamente do documentário; conceitos advindos dos estudos culturais e de teorias de memórias coletivas e individuais, pretende-se chegar, quiçá, a novas perguntas, que conduzam a reflexões sobre o lugar da arte, da política e, considerando a filmografia e a militância dos realizadores, o papel do intelectual na contemporaneidade.

Etnicidade e sobrevivência cultural dos minas: estratégias de manumissões em Minas Gerais (1753-1888)

Rezende, Rodrigo Castro
Universidade Federal Fluminense (UFF)
rodcastrorez@gmail.com

No presente artigo, analiso as estratégias elaboradas pelos cativos minas para alcançarem suas manumissões em Minas Gerais, entre os anos de 1753 e 1888. A minha hipótese é que os cativos dessa origem acabaram por refazerem suas identidades étnicas, sem que, no entanto, deixassem suas “bagagens e heranças culturais” esquecidas. No processo de (re)etnicidade dos minas, houve a combinação de valores e códigos culturais locais com os existentes na África Ocidental. Esse processo, a historiografia denomina de criouliização. Sendo assim, o presente trabalho tem por escopo também analisar o processo de criouliização dos escravos minas.

Ao investigar as estratégias adotadas pelos cativos como formas destes alcançarem suas alforrias dentro de um contexto a priori diverso, o do escravismo mineiro, tem-se que levar em conta as questões que se entrelaçam na fomentação do processo de criouliização. Em termos gerais, os estudos sobre esse processo transitam em duas vertentes opostas, mas não auto excludentes. A primeira, que chamo de eurocêntrica, destaca a imposição dos padrões sociais dos europeus sobre as raízes culturais dos africanos, forçados a se adaptar ao modo de vida de seus senhores. A segunda corrente, denominada de afrocêntrica, mostra a manutenção de várias características culturais dos africanos nas Américas ou alhures, observando que estes faziam uso de suas bagagens culturais nas escolhas fomentadas, influenciando seus descendentes direta ou indiretamente.

Aparentemente, as manumissões foram pautadas pelas etnicidades dos cativos, ao passo que as estratégias de dependência criadas pelos senhores não levaram em consideração as origens dos cativos. Esses escravos carregavam bagagens e heranças culturais que influenciaram as formas como galgavam suas liberdades, assim como, no caso dos nascidos localmente, os estratagemas senhoriais para submeterem mais seus plantéis à dependência.

Para o presente estudo, analisarei as estratégias fomentadas pelos cativos da África Ocidental para conseguirem suas liberdades. Essas estratégias tinham ligações profundas com as maneiras como esses indivíduos percebiam o contexto mineiro em apreço, mas também como conseguiam expressar suas culturas.

Como documentação, utilizei 372 cartas de liberdade para três comarcas mineiras, sendo elas: Rio das Mortes, São Francisco e Ouro Preto. Para tanto, compilei 182 cartas de alforrias para Rio das Mortes entre os anos de 1753 a 1847. Para o Norte de Minas Gerais, foram estudadas 156 cartas de alforrias, entre o período de 1832 a 1888, para diversos distritos desta região, mas que foram registradas em Montes Claros. Para a Comarca de Ouro Preto, encontrei tão-somente 34 cartas, entre os anos de 1827 a 1830, não havendo intervalos na documentação. Acrescenta-se, ainda, que o conjunto de 372 cartas de alforrias pertence a 372 escravos, pois as cartas foram sempre individuais. Assim, exploro algumas questões referentes ao paternalismo e às alforrias em uma perspectiva étnica em Minas Gerais, entre 1753 e 1888, observando o caso dos minas.

Uma viagem de campo e os povos Bijagós da Guiné-Bissau: Seus modos, vida, cultura e tradição

Rosário, Iuri Santos Silva do
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
iuri.rosario@outlook.com

Essa comunicação origina-se da minha experiência como estudante da UNILAB, a qual resultou em uma viagem de intercâmbio intercultural realizado em Guiné-Bissau entre os meses de abril a junho de 2016. Foi a partir do trabalho de campo que resultou a minha monografia. A motivação de escrever sobre o povo bissau-guineense, parte sobretudo, da minha vivência estudantil, que ao adentrar à UNILAB em maio de 2014 me deparei com uma realidade multicultural “diferente” de todas as outras universidades aqui no Brasil. A vivência não era tão simples de ser compreendida. Vários povos e culturas dialogando. Cada um com sua peculiaridade: suas línguas e formas de se comunicarem. O projeto da UNILAB é rico, principalmente na união de oito países parceiros e participantes da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa que em uma única universidade se integram: intelectualmente e culturalmente. Ver juntos, estudantes da Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, é também de grande importância. É importante o realce para aquilo que se chama de integração e intercâmbio cultural, ao qual estou inserido. Aprender a falar o crioulo, tanto o falado em Cabo Verde como em Guiné-Bissau, faz parte da experiência de estar na UNILAB. A minha experiência parte também da minha curiosidade em ver tanta gente falando de forma “diferente”, e eu ali no meio das conversas sem entender muita coisa. O querer trabalhar com algo relacionado à etnografia, pensar e pesquisar a cultura de uma etnia já necessitava então conhecer primeiro a diversidade étnica guineense presente na UNILAB. Para começar, se fez necessário um levantamento das etnias presentes nesta Universidade. No curso de Bacharelado em Humanidades – BHU, com entrada em 2014.1, haviam 31 (trinta e um) e em 2014.3, 15 (quinze) estudantes guineenses. Já no curso de Licenciatura em Letras, com entrada em 2014.1, haviam 16 (dezesesseis) e em 2014.3, apenas 04 (quatro). Ao assistir alguns vídeos, percebi que havia bastante manipulação por parte daqueles que os produziam. Por parte do referencial bibliográfico trabalhado, a obra de Landerset Simões (1935) trouxe importantes contribuições. Trata-se de um levantamento etnográfico que retrata os povos da Guiné-Bissau ainda na época colonial. Concluindo o sentido desta comunicação, a sua proposta visa retratar as questões da tradição e modernidade

no que tange o espaço do Arquipélago Bolama/Bijagós, em especial às ilhas de Bolama, Bubaque, Canhabaque e Orango Grande. Perceber em pouco espaço de tempo, através da visita de campo e das leituras realizadas, as diferenças das práticas culturais, numa perspectiva de mudanças, a partir do referencial teórico oferecido por SILVA (1986); RANGER, HOBSBAWN (1997); PINTO, (2009). Esta comunicação consiste na divisão de três partes. Na primeira, farei um panorama geral sobre a Guiné-Bissau, sua história e seus povos, utilizando a metodologia qualitativa e quantitativa, onde aponto os números de habitantes, línguas faladas, religião, etnias e outros quesitos demográficos. Na segunda parte, trago um pouco da minha experiência intercambista em Guiné-Bissau, nas Ilhas de Bolama, Bubaque, Canhabaque e Orango Grande. Também relato as especificidades desses povos e da minha vivência partilhada no cotidiano dos povos Bijagós das referidas Ilhas. Na terceira e última parte, relato sobre a minha experiência vivida na Capital, onde também trago um pouco sobre o êxodo dos jovens Bijagós da Guiné-Bissau e das minhas andanças no campo da pesquisa, no INEP, IBAP, Ministério de Cultura, Centro Cultural Brasil Guiné-Bissau e minha estadia no bairro de Plack II.

Preservação das Línguas Crioulas em São Tomé e Príncipe

Salvaterra, Sara Cristina Fortes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
fortessara@hotmail.com

O presente trabalho procura demonstrar a gênese das Línguas Crioulas em São Tomé e Príncipe, (Forró, Lung'ié, Angolar). Essas línguas, consideradas maternas, se encontram em via de desaparecimento nas ilhas do Golfo da Guiné, em contraste com um nível elevado de falantes do Português. Inicia-se a partir da análise do contexto histórico e linguístico, juntamente com a teorização do processo de surgimento dessas línguas. São Tomé e Príncipe é considerada como uma sociedade crioula, porém apresenta um baixo nível de número de falantes de cada um desses crioulos apresentando um grande desvalorização e perda sobre as mesmas.

O Ponto inicial é mostrar como se dá a construção da sociedade crioula santomense, em diversos pontos cruciais para que essas línguas crioulas sejam desvalorizadas e marginalizadas pelos seus falantes e viabilizar políticas e conscientização da população, para desconstrução do paradigma que se criou em relação a essas línguas em oposição à língua do colonizador que perdura até ao quotidiano.

A proposta deste trabalho de Conclusão de Curso é discutir sobre a situação precária e a preservação das Línguas Crioulas em São Tomé e Príncipe, devido à sua perda gradativa no número de falantes nas duas ilhas. O trabalho está estruturado em três capítulos, o primeiro capítulo fala sobre o Panorama de São Tomé e Príncipe, o segundo sobre as Teorias da Crioulização e o terceiro sobre: As línguas crioulas em São Tomé e Príncipe, e no final Breves considerações. Tem como fundamentação teórica, leituras análises e levantamento de dados de pesquisas bibliográficas. Um dos fatores principais que apontam para essa perda é o fato de haver um maior número de falantes de português nas ilhas em torno de 100% da população. O Português foi ganhando espaço pela necessidade de haver uma maior relação entre os determinados grupos de falantes de cada crioulo (os forros, angolares e os principenses). Como resultado do processo escravocrata no contexto da colonização desde o século XVI emergiram as três línguas crioulas, contudo, com a introdução da escolaridade nos fins do século XIX e, sobretudo após a independência, as crianças passaram a aprender o português nas escolas e frequentemente apenas de forma marginalizada, o crioulo em casa. Essa prática foi se distanciando do objetivo inicial (que era apenas para evitar um confronto

entres essas três línguas crioulas, originadas nas ilhas) e com o tempo, foi ocorrendo um grande avanço no número de falantes do português e por conseqüente uma diminuição dos crioulos em que as políticas de língua do estado independente, desde 1975 ainda reforçaram esta tendência.

O objetivo deste trabalho é analisar essas línguas crioulas como indicadores parciais da história e cultura do povo santomense, por isso deve-se pensar em uma forma de valorização e manutenção dessas línguas, para evitar que o país perca um dos seus aspectos culturais mais importantes, caracterizado pela sua história de lutas e conquistas pela liberdade e direito do povo. Justificando assim o modo crescente da desvalorização dessas línguas crioulas em São Tomé e Príncipe está relacionada especialmente ao baixo nível de número de falantes de crioulos dentro das ilhas, que é absolutamente inferior ao número de falantes do português. Partindo desse ponto de vista, a ideia central é demonstrar a origem dessas línguas crioulas como reforço identitário, assim como também apontar a necessidade da valorização das línguas crioulas no País.

Quando as ilhas de São Tomé e Príncipe foram descobertas pelos navegadores portugueses, por volta de 1470/71 não eram habitadas. Apenas depois de 1493, colonos portugueses efetuaram a ocupação territorial e passaram a povoar as ilhas trazendo escravos de outros pontos da África, tais como do reino de Benin (atual Nigéria) e dos reinos do Congo e de Angola para suprir a necessidade de mão de obra para a sua reexportação e para o seu emprego nas plantações de cana de açúcar. Parte-se do princípio, que essas línguas começam a surgir através da fase de povoamento das ilhas no séc. XVI, que foi marcada pela mestiçagem biológica e cultural. Todavia antes e após a independência, nas ilhas com o passar dos anos, essas línguas crioulas foram marginalizadas e conseqüentemente foram se perdendo aos poucos e como resultado hoje são pouco faladas no país. Então essa pesquisa torna-se necessária porque ela busca mostrar a importância da valorização e da preservação das línguas crioulas em São Tomé e Príncipe.

***A última tragédia*, de Abdulai Sila: leituras de educação e resistência**

Santana, Jaciane dos Santos
Universidade do Estado da Bahia (UEBA)
jacianesantana22@hotmail.com

Batista, Renata Almeida de Oliveira
Universidade do Estado da Bahia (UEBA)

Este estudo analisará as formas de resistência elegidas pelo Professor, personagem do romance *A última tragédia* (2006), de Abdulai Sila, para reprimir ao colonizador e sua cultura. Além disso, para compreender os desafios que a Guiné-Bissau enfrentou no período colonial e tem enfrentado no período pós-independência- a exemplo das desigualdades socioeconômicas, analfabetismo, dentre outros- busca-se fazer, através do método de procedimento histórico-comparativo, um estudo bibliográfico e qualitativo, tendo como suporte crítico-teórico os autores que compõem os Estudos Culturais e Pós-Coloniais, a exemplo de Homi Bhabha (1998), Edward W. Said (1995), Kwame Appiah (1997), Stuart Hall (2011), Frantz Fanon (2008), Kathryn Woodward, (2005), Inocência Mata (2000), Benedict Anderson (2005) dentre outros. Esses autores, além de serem referências no que tange aos referidos campos de estudos, fornecem também subsídios para compreender alguns assuntos, a exemplo de o conceito de identidade e de nação, as culturas dos povos colonizados, as práticas e estratégias do colonialismo português nos territórios africanos, sobretudo, na Guiné-Bissau, o papel da literatura na colonização e, conseqüentemente, na descolonização de uma nação, dentre outras coisas.

Nutrido pelo sentimento de superioridade em relação aos africanos, os portugueses chegaram ao território que pertence, atualmente, a Guiné-Bissau, em 1446 e investiram na missão “civilizadora”, cujo objetivo era negar e, portanto, excluir, a cultura autóctone dos nativos e, conseqüentemente, implantar a europeia. Pensar em uma sociedade colonial em que o colono, aquele que exerce o poder simbólico sobre o colonizado, impõe seus costumes como a única via de regra a ser seguida, é pensar, portanto, em uma das mais perversas violências.

Neste aspecto, percebe-se que a literatura africana de língua oficial portuguesa, especificamente a literatura guineense, apesar de ser pouco estudada, mostra-se muito produtiva no que se refere à criticidade utilizada pelos escritores para reverter os protótipos enviesados, em sua maioria, por meio de estereótipos sobre a África, a qual é vista sob um

viés de cunho preconceituoso elaborado pela cultura dominante, do colonizador.

Como exemplo de escritor que resiste aos costumes do imperialismo, temos o romancista da Guiné-Bissau Abdulai Sila, o qual é considerado um dos mais influentes autores da literatura contemporânea do país. *A última tragédia* (2006), corpus deste estudo, cuja autoria pertence a Abdulai Sila, pode ser considerado um romance de denúncia, pois seus personagens, além de representar a identidade coletiva, haja vista que tanto o Ndani, o Régulo Bsum Nanki e o Professor, são símbolos de resistência ao sistema colonial e cultural português, denunciando também os desafios da nação para se tornar desenvolvida e independente da colônia.

Contudo, é relevante destacar que, apesar de fazer referência aos referidos personagens do romance, a pesquisa dará ênfase ao personagem Professor, que representa o povo guineense sendo libertado das amarras do colonialismo.

O Professor usa a educação como estratégia de resistência ao colonialismo e, conseqüentemente, se vale da liberdade de expressão para reagir frente à alteridade presente no mundo colonial, a exemplo da superioridade do colono diante dos nativos. Além disso, a representação do referido personagem é fundamental para a formação da identidade coletiva do povo guineense, sobretudo porque o Professor ao rejeitar os privilégios que lhe eram outorgados por ser um “indivíduo assimilado”, se autoafirma como um “nativo” que respeita as tradições autóctones.

Portanto, a representação do Professor é importante para narrar a nação guineense, uma nação independente da colônia portuguesa e, além disso, sua participação na obra de Sila é pertinente, sobretudo, pela reação ao colonialismo e sua certeza de que a educação é uma das melhores armas para o desenvolvimento da nação guineense.

TEMAS E TRAMAS DE NAÇÃO NA “TRILOGIA” ROMANESCA DE ABDULAI SILA

Santana, Suely Santos

Dra. em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Docente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Situada na Costa Ocidental do continente africano, a Guiné-Bissau é um país que, a exemplo de outros africanos, tem a diversidade étnica como característica marcante. Invadido pelos portugueses no século XV, o território correspondente viveu mais de cinco séculos de exploração e dominação tendo a violência física e simbólica como companheira das populações durante longo período. Protagonizou uma história de luta e resistência contra o poder colonial invejável, digna de admiração, tendo o grande ativista Amilcar Cabral como não único, mas o principal líder. Após a conquista da independência, o país depara-se com a difícil tarefa de (re)construir a nação, e a literatura tem papel fundamental, haja vista serem as narrativas que instituem e consolidam uma nação. É nesse contexto de pós-independência e luta pela (re)construção de uma nação bissau-guineense que se insere o escritor Abdulai Sila, considerado autor do primeiro romance nacional. Empreende-se uma leitura das narrativas do escritor, através da sua “trilogia” inicial, composta pelos romances, Eterna paixão, A última tragédia e Mistida defendendo que ele faz a narração da nação bissau-guineense, por um lado, por meio da crítica aos fatores responsáveis pelo fracasso dos projetos da independência enquanto, por outro, desvela e problematiza tais fatores, demonstrando, com isso uma vontade de participar da (re)construção da nação, inclusive, apontando uma ponta de esperança no futuro. Na leitura aqui proposta, enfatiza-se a figura de um escritor que lança mão de temas e discussões que concorrem para uma nação moderna, onde reinem a igualdade, a justiça, a solidariedade e o progresso, e aponta o modelo do pan-africanismo como ideal de nação a ser seguido. A partir das hipóteses e inferências extraídas das narrativas e fortuna crítica atinente elegeram-se temas como a “unidade”, a “autodeterminação”, a “modernidade e tradição” e o “desenvolvimento” como fatores que o autor traz à cena para defender a sua ideia e configuração de nação, trazendo junto a estes um cruzamento das ideias discutidas e defendidas pelo ativista Amilcar Cabral, foco da seção final. Para esta empreitada, utilizaram-se os estudos literários, contextuais e históricos, a partir de autores que se inserem nos estudos culturais, pós-coloniais, africanos e africanistas. Palavras-chave: Guiné-Bissau, Abdulai Sila, Amilcar Cabral, nação em África, narrativas bissau-guineenses

Dispersos, deslocados e desterrados: a diáspora negra e a construção de elementos comuns nas narrativas dos intelectuais afro-brasileiros e africanos na segunda metade do séc. XIX

Santos, Eduardo Antônio Estevam
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)
eduardoestevame@unilab.edu.br

O nosso ponto de partida é a percepção de que a construção do pensamento racial negro afro-brasileiro e africano foi uma contrapartida direta da violência simbólica da diáspora enquanto fenômeno da modernidade.

O recorte temporal da pesquisa para os dois espaços, Brasil e África Ocidental, é a segunda metade do século XIX, tem como marco para o caso brasileiro a campanha abolicionista, o aprofundamento da crise do regime escravista e a sua solução final, a Abolição. Suas formações e produções (livros, textos jornalísticos) intelectuais estavam profundamente marcadas pela escravidão e mediadas pelo processo abolicionista. No caso africano, o evento fundante para o nosso recorte foi o colonialismo que oficialmente inicia-se no final do século XIX e atravessa a primeira metade do século XX. Mas, ainda que as fronteiras coloniais no continente africano tenham se definido nas décadas de 1880 e 1890, o colonialismo na África foi cumulativo, assim como o discurso colonial. O prelúdio da partilha, da penetração europeia na África de forma sistemática, para Elikia M'Bokolo (2011), é de 1810 aproximadamente, quando os comerciantes se apoiam nas riquezas reais ou supostas do continente e no crescimento espetacular do “comércio ilícito”. Os marcos da produção intelectual africana ou aquilo que denominamos como sujeitos fundantes do pensamento intelectual africano surgem na segunda metade do século XIX, contrapondo-se com a consolidação da consciência planetária civilizatória branca.

Procuraremos analisar e interpretar o perfil da formação intelectual dos afro-brasileiros e africanos, vida pública e pensamento. No espaço brasileiro temos Luiz Gama (1830-1882), José do Patrocínio (1853-1905), José Ferreira de Menezes, André Rebouças (1838-1898) e o baiano Manuel Quirino (1851-1923), quanto aos africanos, merece destaque, James Africanus Horton (1835-1883), o angolano José de Fontes Pereira (1823-1891) e Edward Blyden (1832-1912). Esses intelectuais assumem a disjuntiva diaspórica de forma que, nem sempre o seu lugar de nascimento e produção era necessariamente o continente africano, mas todos tinham como destinatários os sujeitos africanos. Edward Wilmot Blyden, nasceu na ilha de Saint Thomas no Caribe, em 1850 mudou-se para a Libéria, é considerado o pensador africano mais

importante do século XIX. Merece destaque também, Alexander Crummel (1819-1898), que nasceu nos Estados Unidos e residiu por vinte anos na Libéria.

Todos eles pensavam a África em diferentes perspectivas. Para a intelectualidade negra brasileira, a exemplo de Luiz Gama, que inaugurou a poesia satírica no romantismo brasileiro com sua obra *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* publicada em 1859, resgatar e trazer a África para o discurso político e intelectual significava afirmação de uma identidade, de uma “origem comum”, para combater os marcadores de diferença criados pelo regime escravista. Os intelectuais negros brasileiros oitocentistas produziram em meio ao processo de consolidação da identidade nacional. Enquanto para a maioria dos intelectuais africanos, a luta consistia na elaboração de um pensamento que criticasse as desqualificações étnicas e culturais sobre o africano, esses são os caminhos trilhados no primeiro livro publicado por, J. A. Horton, em *Países e Povos da África Ocidental, Uma Reivindicação da Raça Africana*, de 1868.

Não procuraremos identificar nos intelectuais e pensadores descritos um corpo de conhecimento coeso e orgânico, mas um pensamento como prática criativa e reativa as clivagens da razão etnográfica. Compreende-se como razão etnográfica (MUDIMBE, V. 2013) as construções orientadas pela diferença cultural que possibilitou a criação de uma ideia geral de África, de “verdades” que procuravam desvendar cientificamente a natureza africana e as temporalidades disjuntivas a serviço de um poder-conhecimento colonial.

Quais elementos históricos concretos nos permite estabelecer relações entre as narrativas dos intelectuais negros afro-brasileiros e africanos por força da diáspora? A resposta inicialmente está na raça e na África enquanto significante da narrativa de si e do mundo (MBEMBE, A. 2014). As produções desses intelectuais revelam um complexo entrelaçamento de diferentes discursos, uma dupla consciência, uma dualidade, uma ambivalência que era constantemente sentida, por força da diáspora. Apesar das diferenças entre esses distintos pensamentos, afro-brasileiro e africano, a diáspora, enquanto categoria conceitual, pode ser um elemento fundante capaz de nos fazermos entender essa complexidade a partir de um sentimento comum, compartilhado por esses intelectuais, que foi a luta contra a razão etnológica em diferentes perspectivas.

Os Marabus de Birban: Memórias e história de uma tabanca na Guiné-Bissau

Santos, José Elias Rosa dos
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
prof_joseelias@yahoo.fr

Na jovem nação da Guiné-Bissau, encravada em meio de plantações de caju, na região de Farim, fica localizada a tabanca de Birban, onde vivem pessoas que declaram pertencer ao povo Mandinga, mas que, no passado, eram do povo Balanta Mané. Esse povoado, com uma população estimada em cerca de 1.200 pessoas, possui uma história que remonta ao século XVIII. Este artigo pretende explorar essas histórias a partir de três níveis. Primeiramente – no aqui chamado primeiro nível –, puxando os fios das memórias guardadas e transmitidas no seio de uma família de Marabus – e compartilhadas com os outros membros da tabanca – narrando os feitos dos Marabus de várias gerações passadas, vamos desvelar outro fio que traça a história da própria tabanca, repleta de acontecimentos relevantes para a povoação. Esse segundo nível, por sua vez, dialoga com a história da própria nação. Vários fatos narrados estão relacionados com momentos primordiais na construção da Guiné-Bissau, desde episódios ligados à época da escravatura, passando pelo período colonial, pela chamada expansão mandinga, chegando até a luta da libertação nacional, já nas décadas de 1960 e 1970. Além disso, questões fundamentais na sociedade guineense estão presentes nestas memórias, como a questão dos chamados poderes tradicionais e as relações étnicas na Guiné-Bissau. Assim, as memórias desta família de Marabus, lembrando fatos vividos pelos seus antepassados, são uma porta de entrada para a história da tabanca e da própria Guiné-Bissau. Os métodos de pesquisa foram a análise bibliográfica e o método etnográfico, com observações e entrevistas semiestruturadas. Duas incursões foram feitas na tabanca e em localidades próximas, que permitiram mergulhar neste universo, onde se misturam fatos históricos e explicações que rompem com os princípios pautados pela racionalidade das chamadas sociedades ocidentais. Essas explicações nos possibilitam abrir uma pequena fresta para tentarmos compreender a forma como essas pessoas concebem o mundo e nele se relacionam.

Palavras-chave: Guiné-Bissau – Memórias e História – Marabus – Etnias – Mandingas

Griots, tradição oral e cultura mandinga na Guiné-Bissau

Seide, Suleimane
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
suseide@outlook.com

As mudanças sociais resultantes da colonização e do pós-independência criaram novas formas de vínculo e estratificação social, mas não representou o desaparecimento dos griots. Embora não estejam mais com tanta frequência diretamente vinculados a famílias específicas, eles continuam atuando ao longo de toda a África ocidental como mediadores de conflitos, também como historiadores, herdeiros e guardiães da história oral, em especial as tradições relacionadas aos povos mandingas dispersos por toda a região e ao império de Mali. Eles lutam para preservar a memória do povo mandinga, a linhagem, os mitos, as histórias, as batalhas históricas, bem como a música tradicional e as canções cerimoniais.

Este trabalho tem como objetivo entender as relações dos estudantes guineenses da Universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira (UNILAB) com griots na sociedade guineense. De acordo Ahmadou Hampaté-Bâ (2010, p. 202), os griots classificam-se em três grandes categorias.

- Griots músicos, que são aqueles que tocam qualquer instrumento (monocórdio, kora, guitarra, tantã etc.). Na maioria das vezes, são também bons cantores. No caso da Guiné-Bissau, temos os da kunda (família, clã ou linhagem) Kanuté, como Sambala Kanuté, e os da kunda Galissa, como Nino Galissa, além dos mestres de Taboto. Muito embora estejam se adaptando aos meios e modos da modernidade, nunca deixam de levar consigo a sua cultura (djidiundadi em crioulo).

Rabelados: Fenômeno Sócio Religioso de Cabo Verde

Semedo, Emanuel de Jesus Correia
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
emanubia@outlook.com

Este trabalho parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), abordando a formação e a trajetória de um grupo sócio religioso específico de Cabo Verde. Trata-se dos Rabelados surgidos no interior da ilha de Santiago, fazem parte de uma comunidade com afirmação de uma identidade religiosa tradicionalista própria, que surgiu a partir reformas religiosas Católicas feitas em Cabo Verde, nas décadas de 1940.

É sabido que os grupos sócios religiosos estão presentes na história e na atualidade de toda e qualquer nação de um modo bastante intenso. Apesar de que hoje se faz referências positivas em relação a esses movimentos, sabe-se que nos primeiros estudos sobre esses fenômenos religiosos eles receberam numerosas designações pejorativas: movimentos dos revoltosos, fanáticos, ignorantes, anti progressistas, foragidos da lei, (...). Cristina Pompa (1998), nos mostra que esses movimentos receberam muitas outras designações que aparentam ter uma menor carga ofensiva como: “movimentos nativistas, messiânicos, milenaristas, revolucionários, proféticos, sincréticos, podendo-se ampliar ainda mais esta listagem”. Cada uma das fórmulas revela-se inadequada para definir a realidade complexa e dinâmica dos movimentos históricos, pois destaca apenas uma, ou algumas, de seus componentes: o social, a psicológica, a religiosa ou a sincrética. Isso não foi diferente quando se trata dos grupos surgidos em Cabo Verde, nos meados de 1940/50 nos interiores da ilha de Santiago.

Nos últimos anos, a comunidade dos Rabelados experienciou os impactos da modernidade, trazendo com ele a inovação e as novas tecnologias. Com isso, esse trabalho tem o propósito de travar uma discussão partindo da questão até que ponto pode-se fazer um diagnóstico desse movimento como algo que se encontra em vias de extinção quando se leva em conta os valores imateriais cultivados no seio da comunidade ao longo das décadas?

Através de uma abordagem etnográfica pretende-se demonstrar qual era a forma autônoma de vida que essa comunidade adotou, analisando as práticas e a trajetória coletiva dessas populações dando ênfase ao “processo de transição” que o grupo foi sujeita a partir do contato com a artista plástica, poetisa e ativista cultural cabo-verdiana reconhecida internacionalmente, Maria Isabel Alves, conhecida por Misá. Por fim, será feita uma análise

comparativa entre os Rabelados e alguns movimentos messiânicos surgidos na região no centro da África e no Brasil, nos finais do século XIX, início do século XX.

No âmbito desta pesquisa, por se tratar de um estudo etnográfico, foi feita num primeiro momento uma leitura sistematizada das obras já existentes sobre o tema. Num segundo momento, foram realizadas, algumas visitas ao campo, em janeiro e fevereiro de 2016 no intuito de coletar informações primárias junto aos moradores da comunidade de Espinho Branco.

Para conhecer melhor o movimento dos Rabelados utilizei as poucas e importantes obras escritas sobre: A obra pioneira nos estudos sobre o fenômeno sócio religioso em Cabo Verde, escrita pelo pesquisador cabo-verdiano Júlio M. Monteiro Jr (1974), que hoje constitui uma fonte histórica para conhecer o passado da germinação dos Rabelados da ilha de Santiago; “Os Rabelados de Cabo Verde”, de autoria da socióloga e jornalista francesa, Françoise Ascher, (2011), trazendo uma abordagem jornalística e sociológica sobre a formação e a trajetória dos Rabelados; por último, o estudo de Edith Muniz e Alberto Bargados (2012), uma edição bilíngue intitulada com o foco na abordagem da recente produção artística na comunidade dos Rabelados de Espinho Branco. Além do mais, utilizei teses e outras publicações, como livros, artigos, revistas periódicas, entre outras fontes escritas e áudio visuais que abordam os movimentos sócio religiosos na África, nas Américas.

PALAVRAS-CHAVE: Trajetória; Rabelados; Messianismo.

Dança do povo Brasa na contemporaneidade: um estudo sobre kanta po

Sia, Isna Gabriel
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
isnanyamara@gmail.com

Este trabalho tem por finalidade analisar o Kanta Po, dança tradicional da sociedade Brasa (Balanta), da Guiné-Bissau. Dentre as danças existentes nesta sociedade, o Kanta Po caracteriza-se, geralmente, pelo espetáculo de exibição dos poderes sobrenaturais por parte dos rituantes da referida dança. Esta surgiu da disputa entre dois n'ghaies (grupo parte dos praticantes da referida dança. Esta surgiu da disputa entre dois n'ghaies (grupo de jovens cujas idades variam de 21 a 24 anos) que se desafiam a fim de demonstrar para a comunidade quem dentre eles canta e dança melhor. Na fase blufus bindãg (etapa de formação que se estende dos 25 aos 29 anos), ao estarem prestes a ir fanado (rito de iniciação), esses mesmos jovens travam um duelo em que cantam e dançam para poder saber quem, dentre deles, venceria. Com efeito, este duelo permanece na memória das pessoas. No decorrer do tempo, os jovens Brasa passam a dançar o Kanta Po como forma de mostrar que estão deixando a vida da mocidade para entrar na vida dos “homens grandes”, conferindo-lhes certa idoneidade. Além do mais, o Kanta Po pode ser entendido como uma espécie de despedida da vida da juventude e do entretenimento, passando os rapazes para uma etapa da vida em que se demanda um maior comprometimento deles com as causas maiores da aldeia. A sua celebração, contudo, tem como finalidade fazer as pessoas entenderem que, dentro daquela aldeia, existem pessoas superpoderosas, dotadas de poderes que, naturalmente, não as deixam sucumbir diante da mediocridade da vida, visto que tentam superar limites humanos por meio das cosmogonias que lhes possibilitam o entendimento do universo. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho, consiste em analisar as transformações na realização da dança do Kanta Po no decorrer do tempo. A metodologia utilizada consistiu em uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva, avançada para a etnografia e fazendo uso de entrevista semi-estruturada para os simpatizantes e dançarinos dessa dança; esta entrevista foi aplicada não só no Brasil como também na Guiné-Bissau. Os resultados mostram que diferentes grupos praticantes do Kanta Po têm investido na contratação de murrus (adivinhos) para a animação dos espectadores na ocasião de realização dessa dança, bem como para ajuda-los a vencer a disputa. Averigou-se inclusive, que nos últimos anos, tem diminuído a frequência de realização da dança por falta de investimento. Encerra-se mostrando que a dança do Kanta Po representa uma espécie de rito de passagem simbólica que consagra os jovens que saem da mocidade e entram para o mundo dos homens idôneos.

Sombra di Polon: um espaço revolucionário e independista sociocultural, político e religioso de herança Kaabunke e Afro-portuguesa

Silva, Maurício Wilson Camilo da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
cea.ufrj@gmail.com

Njeri, Aza
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
cea.ufrj@gmail.com

Este texto constitui o estudo e a discussão sobre a importância simbólica material e imaterial sociocultural, econômico, político e religioso que os espaços centrais “sombra di polon” constituem na configuração de Morança – unidades habitacionais de famílias agregadas e Tabanka – um complexo de povoados no território de herança Kaabunke e Afro-portuguesa, que definem os lugares de construção cultural, contemplação familiar, ensino religioso e reuniões políticos das comunidades, e comércio das Bideiras e Djilas, que quando situado nas florestas, tornam lugares centrais das crenças espirituais Baloba e de prática da iniciação Fanadu das matas sagradas.

Torna espaço de soberania e controle político e/ou religioso através de um conselho de anciões, que quando morrem transformam em espíritos guardiões da natureza e da mediação entre os vivos e destes com o espírito onipotente, através das forças matrizes da natureza, Iran di Tchon. Esses espaços tornaram importantes para reuniões e organizações políticas e militares do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde PAIGC, como meio unificador dos povos sudaneses (Mandingas, Fulas e Sussos), e litorâneos (Bijagós, Brames, Balantas, Nalus e Beafadas) na luta contra os colonos da metrópole, onde as mais evidentes, cuja estratégia de Balanta, Mandinka e Cristãos Civilizados foram importantes para luta de libertação territorial de Guiné e Cabo Verde.

Tornam relevantes estes espaços, visto que são destes que surgiram as escolas dos Marabuts e Almamis muçulmanos, as primeiras escolas de alfabetização nacionalista e de ensino revolucionário do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde. Onde mais tarde, tornaram fundamental na proclamação da independência de Guiné e Cabo Verde em colinas de Boé (atual Guiné Bissau). Estes espaços abrigam as práticas de Djambadon, um manifesto cultural caracterizado pela dança, canção e percussão, e Toka Tina, ambas as manifestações exclusivas das mulheres e associadas à Mandjuandadi de herança

ancestral, em parte islâmica sudanesa e da cristandade de Geba, Cacheu, Bissau e Bolama.

Nestes espaços definidos pela Sombra di Polon, os camaradas do PAIGC consultavam Iran para saber do destino de ataques contra os portugueses Tugas. Uma crença na ancestralidade dos Balobeiros e divindade baseada nos espíritos sobrenaturais e guardiões da natureza. Outrora na fé dos Marabuts Mohametanos.

O território da herança Kaabunke e mais tarde em parte dos Afro-Portugueses (atual Guiné Bissau) foi terra dos povos de litoral, que devido ás ataques Mandinka, se deslocaram para região litorânea, um espaço que teve a influência do Estado de Ghana (séc. IV a XI) e fez parte do Império de Mali (XIII a XIV), cuja dependência Kaabu se tornou reino (XIV a XVIII), onde no início do século XX vem a ser ocupado pelos portugueses. Até a conquista da independência do novo Estado Nacional da Guiné Bissau em 1973.

Análise de como o jornal *Estado de São Paulo* retrata a Guiné-Bissau da década de 1960 até o ano de 2012

Silva, Ludmilla Martins Gomes da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
ludmilla.mgs@gmail.com

O presente projeto tem como intuito enfatizar como a mídia tem um poder influenciatório sobre a sociedade, e que a partir do discurso daqueles que produzem o veículo midiático que transmitem o conhecimento da “realidade”, sendo que essa “realidade” muitas das vezes não se englobam como são ditas ou que elas não fazem parte da realidade dos receptores. O projeto irá tratar da análise da mídia impressa, sendo mais precisa o jornal *Estado de São Paulo* o famoso “Estadão” e de como ele retrata a Guiné-Bissau, país que está localizado na Costa Ocidental da África. Estão previstas no total de 1.495 matérias a serem analisadas, no qual terá uma divisão das matérias por períodos: desde a década de 1960 até o ano de 2012, elas serão lidas e analisadas dentro do software Atlas.ti 7 (software para realizar análise de dados qualitativos), sendo assim, é uma pesquisa qualitativa com a metodologia baseada na teoria fundamentada.

Os gritos do silêncio: histórias inaudíveis no “turismo memorial” na África ocidental.

Sílvio Marcus de Souza Correa
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
silvio.correa@ufsc.br

Da ilha de Gorée à Ouidah, uma vaga patrimonial tem repertoriado sítios históricos e produzido “lugares de memória” na África ocidental. Desde 1994, o projeto A Rota dos Escravos, da UNESCO, tem favorecido um debate sobre patrimônio, história e memória do tráfico atlântico de escravos. Em vinte anos, foram erigidos monumentos como *la porte du non retour* em Ouidah, no Benin, e *la stèle de la route de l’esclave*, em Kanga-Gnianzé, na Costa do Marfim. Esses objetos memoriais são novos semióforos, “objetos visíveis investidos de significação” (Krzysztof Pomian), para aquilo que se pode chamar de “turismo memorial” (Frédéric Crahay). Entre o público visitante desses novos “lugares de memória”, destacam-se turistas europeus e norte-americanos, notadamente da diáspora africana. Os visitantes são convidados a provar de um “passado sensível” (Daniel Fabre). Assim como os novos objetos semióforos inaugurados na Rota dos Escravos, a *maison des esclaves* de Gorée, no Senegal, e a de Agbodrafo (antigo Porto Seguro), no Togo, evocam uma memória que suscita uma participação emocional dos visitantes. Porém, os “abusos da memória” (Tzvetan Todorov) acabam por inibir qualquer “trabalho de memória” (Paul Ricœur). Com base em alguns exemplos de “abusos da memória” pelo “turismo memorial” na África ocidental, a proposta dessa comunicação é refletir sobre o déficit de crítica de uma memória que acaba por licenciar a história. Por fim, investiga-se a relação entre patrimônio, memória e história na Rota dos Escravos com o fito de demonstrar que algumas histórias restam inaudíveis neste “turismo memorial”, o que compromete o próprio dever de memória.

Os primeiros discursos de Edward Blyden e a construção da Libéria (1857 – 1865)

Souza, Tainá Elis de
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
taina.elis@gmail.com

Edward Wilmot Blyden, nascido em 03 de agosto de 1832 na ilha de São Tomás, no Caribe, é considerado um dos pais do movimento pan-africanista e sua obra é relevante e influente no pensamento e nas análises sobre este movimento. Migrou para os Estados Unidos em 1850, como objetivo de estudar Teologia para tornar-se ministro, mas foi rejeitado pelo Rutgers Theological College, em Nova Jersey, devido ao fato de ser negro. Em dezembro do mesmo ano, emigrou para a Libéria, através da American Colonization Association (ACS), por influência dos seus amigos ligados à ACS que acreditavam que, com seus talentos intelectuais, Blyden poderia ajudar a construir uma grande nação negra na África (LYNCH, 1967). Na Libéria, ele se tornou um influente político, educador e diplomata. Através da obra de Edward Blyden, podemos analisar a construção de uma das facetas dos discursos coloniais sobre a Libéria. Esse trabalho se propõe a analisar os discursos de Blyden feitos no início da sua trajetória, antes de ele ter tido contato com o Islã, através das populações nativas do interior liberiano, e compilados na obra *Liberia's Offering*, de 1862. Dessa forma, poderemos compreender um pouco como seu pensamento começou a se transformar, culminando em uma desilusão com o projeto nacional liberiano, principalmente em relação aos rumos políticos tomados depois da independência. Blyden, nos oferece através dessa obra, um projeto para uma colonização na África, valorizando o papel dos negros e estabelecendo um plano de unificação que obteve grande influência no movimento pan-africanista de Blyden era baseado no conceito de raça (APPIAH, 1997) e se daria através da aceitação do “fardo” da colonização pelos negros exilados, que deveriam encarar o hostil território africano em busca da verdadeira liberdade e para levar amparo aos seus irmãos africanos, sendo que a experiência na Libéria seria um exemplo a ser seguido em outras regiões da África. Em outras obras, de acordo com Mundimbe (2013), ele deixou claro que sua compreensão de “negro” carregava certo purismo racial e desprezava as pessoas miscigenadas. A ambivalência do discurso colonial proporcionava um “papel facilitador na construção de práticas autoritárias e suas fixações estratégicas discursivas” (BHABHA, 1998, p. 123), justificando as dominações coloniais com a Missão Civilizatória, que permitia o resgate dos negros da barbárie, o

Racialismo Científico, que fixava os negros nos papéis de subjugados e explorados. No caso liberiano e nos discursos de Blyden, a ambivalência do discurso colonial estava ligada à representação compartilhada pela maioria dos escravos e ex-escravos de que a África era sua terra natal, apesar de ser um lugar hostil (ZUBERI, 1995), e de que haveria uma irmandade compartilhada com as populações nativas, apesar de eles serem menos evoluídas. Essa visão colonialista fez com que se instaurasse, desde o começo da colonização na Libéria, um sistema de dominação política e separação racial entre os Américo-liberianos, que eram os emigrados dos EUA, e afro-liberianos, que eram emigrados dos EUA, e afro-liberianos, que agregava além das populações nativas, alguns ‘crioulos’ emigrados de Serra Leoa e escravos que foram resgatados por navios norte-americanos ou fugidos das regiões Congo, Nigéria, e outras partes da África Ocidental (LOWENKOPF, p.12, 1976). Nosso trabalho analisa como o discurso de Blyden ao mesmo tempo que apelava para uma determinada união entre os negros emigrados e os nativos, também corroborava com esse pensamento de dominação colonial das populações nativas, chamado por Akpan (1973) de “Imperialismo Negro”.

Entre a África Ocidental e o Impresso Brasileiro: Encontros Atlânticos nas Páginas do Sentinela da Liberdade

Tasca, Alexandre Bellini
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Malacco, Felipe Silveira de Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
fmalacco@hotmail.com

Dentre suas múltiplas funções, a historiografia tem como um de seus objetivos a análise crítica não só da formação das sociedades humanas, mas também das relações que essas desenvolvem entre si ao longo do tempo. Os caminhos para os estudos nesse sentido passam por recortes e escolhas teórico-metodológicas várias, cabe ao historiador determinar aquelas que mais se adequam às suas pretensões e ao seu objeto de estudo. Considerando o necessário equilíbrio entre aquilo que é de nossa escolha e aquelas que são determinações dadas pelo material analisado, pretendemos fazer dessa apresentação um ponto de encontro. Nesse sentido, buscaremos relacionar a história do mandatário jalofo Bemoy Gilem, datada de 1488, com os escritos do jornal *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco: Alerta!* de Cipriano Barata, datado de 3 de maio de 1823.

Os jalofo são uma etnia que habitavam a África Ocidental, especificamente a região da Senegâmbia. Formaram uma unidade política por volta do fim do século XIII, que se estendia ao longo da costa, até a foz do Gâmbia e era constituído pelas organizações confederadas do Saalum, Ualo, Caior, Baol, Siin, organizações estas que deviam subserviência ao mandatário do Gran-Jalofo, situado ao sul do rio Senegal, longe da costa atlântica da Senegâmbia, no reino do Jolof.

Bemoy Gilem era um aspirante ao governo do Gran-Jalofo. Devido a uma crise sucessória, em que acabou perdendo o direito ao trono, ele procurou auxílio militar português. Para isso, se dirigiu a feitoria de Arguim e posteriormente foi levado a Lisboa, onde se encontrou com o rei Dom João II em 1488. Com interesses econômicos e religiosos, o rei português aceitou enviar o socorro requerido, com o envio de navios fortemente armados, em um dos quais retornava Bemoy à Senegâmbia. Também era intenção erigir uma fortaleza, que serviria como ponto de apoio militar e comercial para Portugal. Chegando próximo ao rio Senegal, o nobre jalofo foi assassinado pelo capitão do navio português Pedro Vaz da Cunha. Embora o capitão tenha argumentado que tenha cometido o ato por Bemoy estar planejando

traí-lo, outras informações sugerem que o assassinato foi cometido por Pedro não querer levar adiante o projeto de se instalar na Senegâmbia para construir um forte, uma vez que o clima da região era tido como causador da morte de vários membros da tripulação.

Nascido em 1762, Cipriano Barata foi um baiano de notável participação política. Esteve presente em vários movimentos sediciosos no Brasil, como a Conjuração Baiana (1798) e a Revolução Pernambucana (1817). Participou ativamente do processo que culminou na independência do Brasil, principalmente como deputado das Cortes de Lisboa em 1821-2 pela Província da Bahia. Apesar de eleito para a Assembleia Constituinte de 1823, preferiu atuar através da imprensa. Desse modo, deu maior amplitude a sua voz através das denúncias proferidas no periódico *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco: Alerta!* Em uma dessas denúncias, escreveu a seguinte frase: “Estou persuadido que [ilegível] desta qualidade [ilegível] imundos [ilegível] chamados espiões ou traidores contra a pátria, que, segundo opinião do Rei dos Jalofes, até as carnes de seus corpos são venenosas”.

Estaria Cipriano Barata retomando os eventos do século XV? Seria uma referência à traição do capitão Pero Vaz da Cunha a Bemoy? Ou seria à crise sucessória do trono Jalofes? A partir desse indício, iremos discutir a hipótese de que os impressos do Brasil no século XIX evidenciam as permanências e a circulação da experiência história africana no mundo atlântico, atravessando diferentes temporalidades e espaços geográficos.

Identidade e diferença na construção da cultura Cabo-verdiana: uma abordagem fanoniana

Veiga, Danilson Ivandro Gonçalves da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
danilsonivandro@gmail.com

A presente investigação tem como foco principal analisar como se deram os processos de construção da identidade e das culturas cabo-verdianas e ilustrar possíveis pistas para construção de uma identidade decolonial e antirracista, valorizando suas singularidades e diferenças. Por outro lado, essa análise busca oferecer uma compreensão acerca da tensão entre identidade e diferença na construção da cultura cabo-verdiana e tem como suporte o pensamento filosófico e social de Frantz Fanon acerca da questão da raça e da colonização, apresentado, sobretudo, no livro *Pele Negra*

Máscaras Brancas.

Para isso, tomamos como base teórica central o pensamento de Frantz Fanon, sobretudo aquele apresentado no livro *Pele negra, máscaras brancas*, para desenvolver a nossa pesquisa, mas, por outro lado trata-se da primeira experiência com o pensamento filosófico e social fanoniano para pensar e analisar as comunidades africanas lusófonas, mais concretamente Cabo Verde. Para esta análise foi utilizado, sobretudo, o método qualitativo, consistindo basicamente em leituras, análise conceitual e explicação dos textos abordados, bem como a experiência vivida do autor, relatada e analisada no próprio livro *Pele negra, máscaras brancas*, para compreender a problemática central do trabalho e, a partir dessa compreensão, apontar caminhos possíveis para a construção de uma identidade cabo-verdiana decolonial e antirracista.

Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* nos oferece a base, através de reflexões conceituais e análises acerca da situação do negro, para pensar certos aspectos da construção da identidade cultural cabo-verdiana, sobretudo aqueles referentes às possibilidades de afirmação de uma identidade cabo-verdiana descolonizada e antirracista. Tomaremos a obra como base para construção da nossa análise sobre a identidade e da cultura de Cabo Verde explorando os conceitos da racialização, etnicidade e colonialismo. Nestes contextos há indícios da aproximação da história do povo cabo-verdiano com os martinicanos no qual Fanon analisa na sua obra principalmente nas questões de assimilação dos mestiços às manifestações culturais metropolitanas.

A literatura ilustra seus aparecimentos/surgimento a partir da mistura de diferentes raças e etnias, por isso a partir do pensamento do autor martinicano descreveremos e cartografaremos como essa diferença é marcada no discurso da peculiaridade da cultura cabo-verdiana. A nossa identidade desde os primórdios da sua origem (1462 início do povoamento das ilhas), foi defendida como identidade assimilacionista que com o tempo tornou-se específico ou de características únicas no universo da Colônia portuguesa. A valorização da sua especificidade pelos colonizadores e pela elite branca era a forma que encontraram para fugir da discussão ou de assumir as suas posições diante de problemáticas relativas à etnia, raças e classes.

Este tipo de posicionamento ainda faz parte do cotidiano cabo-verdiano. Parcelas da população não sabem como posicionar quando confrontadas com situações do tipo. Efetivamente isso mostra o quanto o nosso passado ressentido sobre o domínio colonial manifesta no subconsciente da população e na estrutura da nossa sociedade. A partir dos diferentes estudos sobre a questão da construção da identidade e diferença na construção da cultura cabo-verdiana, procuraremos desconstruir conceitos e paradigmas que sustentam as explicações em torno destas concepções, presentes no atual processo de configuração identitária cabo-verdiana.

Palavras-Chaves: Identidade. Cultura. Racialização. Colonização. Fanon.